

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA  
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



“HOTEL CHRONOS”  
TRABALHO DE PROJETO

Andreia Almeida Duarte Baptista Galvão

MESTRADO EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM ARTES PERFORMATIVAS  
ORIENTAÇÃO DE : DIOGO BENTO

Lisboa, Agosto de 2024

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA  
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



# HOTEL CHRONOS

Andreia Galvão

Relatório de Projeto submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro - especialização em Artes Performativas, realizado sob a orientação científica do Professor Diogo Bento.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, João Galvão e Marlene Évora. À Clara Passarinho pela camaradagem e ajuda no processo. Ao professor Diogo Bento por todo o apoio, a atenção e a disponibilidade sempre generosa. À Bárbara Soares, ao Peter Arcanjo pela construção do texto inicial e à Joana Bértholo que nos ouviu atentamente durante o processo de escrita. A todos os ativistas, pessoas e amigos que me ajudaram e inspiram a olhar para o exterior e encontrar as estrelas. Ao Daniel Borges sempre por tudo.

## **RESUMO**

O presente relatório tem por objeto o trabalho de projeto “Hotel Chronos” realizado no Largo Residências e na Escola Superior de Teatro e Cinema, em Lisboa. Este consistiu em ensaios, escrita dramaturgical, na descoberta artística e na reflexão teórica. Este relatório é composto por uma descrição das entidades, dos objetivos, dos destinatários, das atividades dos projetos, de um enquadramento conceptual sobre contextos, recursos, técnicas, procedimentos e pela descrição sobre o processo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teatro, Alterações climáticas, imaginário, catástrofe.

## **ABSTRACT**

This report is about the project “Hotel Chronos”, which took place at Largo Residências and Escola Superior de Teatro e Cinema in Lisbon. It consisted of rehearsals, dramaturgical writing, artistic discovery and theoretical reflection. This report consists of a description of the organizations, objectives, recipients, project activities, a conceptual framework on contexts, resources, techniques, procedures and a description of the process.

**KEYWORDS:** Theater, climate change, imaginary, catastroph

## ÍNDICE GERAL

1. Agradecimentos.....	3
2. Índice de abreviaturas.....	6
3. Índice de figuras.....	6
4. Introdução.....	9

### Capítulo 1: A CRISE ECOLÓGICA

1.1. O que é o clima e como está a mudar?.....	10
1.2. Políticas públicas (ou ausências) da crise climática.....	12
1.3. Mobilizações contra as alterações climáticas.....	13
1.4. Discursos sobre a crise climática.....	20

### Capítulo 2: O MUNDO VAI ACABAR? A CATÁSTROFE NA FILOSOFIA

2.1. Catastrofismo.....	24
2.2. O papel das religiões.....	26
2.3. Ficção do apocalipse e catastrofismo contemporâneo.....	28
2.4. A promoção política do catastrofismo.....	32

### Capítulo 3: A CATÁSTROFE ECOLÓGICA NAS ARTES PERFORMATIVAS

3.1. Políticas culturais europeias em torno da sustentabilidade.....	34
3.2. Espetáculos teatrais europeus com foco na questão ecológica.....	35

### Capítulo 4: HOTEL CHRONOS

4.1. O projeto.....	39
4.2. Dramaturgia.....	39
4.3. O processo.....	42
4.4. Considerações dos intérpretes.....	43
4.5. Considerações do público.....	44

<b>Conclusão.....</b>	<b>46</b>
-----------------------	-----------

<b>Bibliografia.....</b>	<b>48</b>
--------------------------	-----------

<b>Anexo I.....</b>	<b>52</b>
---------------------	-----------

## Índice de abreviaturas

IPCC: Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas

GEE: Gases com efeito de estufa

COP: Conferência das Partes

UNFCCC: A Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas

NOAA: Administração Atmosférica e Oceânica Nacional (Departamento de Comércio Norte-Americano)

UE: União Europeia

CELE: Comércio Europeu de Licenças de Emissão

RCLE-UE: regime de comércio de licenças de emissão da União Europeia

## ÍNDICE DE FIGURAS

- **Figura 1** - Variação das temperaturas entre 1850 e 1900. Fonte: World Meteorological Organization.
- **Figura 2** - Emissões cumulativas de CO<sub>2</sub> e o futuro forçamento radiativo não-CO<sub>2</sub>. Fonte: IPCC.
- **Figura 3** - As assinaturas dos painelistas sobre a definição de ecocida proposta. Fonte: Stop Ecocide International
- **Figura 4**- Movimento Chipko. Fonte: MediainIndia.
- **Figura 5**- Bloqueio da Segunda Circular. Fonte: Sabado.pt.
- **Figura 6** - Ação da Just Stop Oil nos Girassóis de Vincent van Gogh. Fonte: JustStopOil.org.
- **Figura 7**- Filme 2012, dirigido por Roland Emmerich
- **Figura 8**- Filme “The day after tomorrow”, dirigido por Roland Emmerich
- **Figura 9**- “I am a legend” escrito por Richard Matheson
- **Figura 10** - A ordem dos simulacros em Baudrillard. Fonte: Simulacros e Simulação.
- **Figura 11** - Cartaz do espetáculo “Urgência Climática”. Fonte: Hotel Europa.
- **Figura 12** - Cartaz do Festival Alecrim. Fonte: ProjetoAlecrim.pt.
- **Figura 13** - Imagem do espetáculo “Can I Live” de Fehinti Balogun. Fonte: Teatro Piccolo.
- **Figura 14**- Versão impressa do livro “Ciclo de Nova Dramaturgia Portuguesa 2024”. Fonte: <https://www.ofimdoteatro.com/>
- **Figura 15**- Ensaio no Largo Residências
- **Figura 16**- Cartaz da apresentação na Escola Superior de Teatro e Cinema
- **Figura 17**- Apresentação na Escola Superior de Teatro e Cinema
- **Figura 18**- Apresentação na Escola Superior de Teatro e Cinema

## Prólogo

*Ainda não é o fim nem o princípio do mundo calma é apenas um pouco tarde*, Manuel António Pina  
(in “Poesia Reunida”, Ed. Assírio & Alvim)

A investigação que deu origem à escrita dramaturgica de *Hotel Chronos* começou com uma indagação muito pessoal e simultaneamente política. O ativismo climático foi, a certa altura, um elemento muito central na minha vida. Faço parte da geração que saiu à rua por causa da Greta Thunberg, da Greve Climática Estudantil. Rodeava-me do ativismo militante das pessoas que acreditam que o mundo pode ser mudado e que o poder está mesmo concentrado na nossa vontade. Também pessoas da minha idade que iam percebendo que aprender mais sobre as riquezas do nosso planeta- os corais no Pacífico, as florestas da Amazónia, a vida selvagem do Congo e a beleza da tranquilidade mediterrânica- era radicalizar-nos para a tragédia da sua perda. Éramos acompanhados pelas notícias de ativistas no Uganda, que vivem as secas prolongadas e a proliferação da miséria, e de ativistas indianas, como foi o caso de Disha Ravi, que foram presas por participar nas mobilizações dos trabalhadores agrícolas. Conhecemos gente com hortas urbanas, outros que influenciam políticas públicas, uns que lutam por melhores transportes públicos, contra megas explorações que devastam comunidades. Aprendi com ativistas mais velhos que fizeram deste combate o combate das suas vidas. Estávamos sempre, à falta de melhor expressão, *over our heads*, mas isso não nos detinha. Queríamos aprender mais, ser melhores, fazer mais. Isso contaminou toda a minha vida, porque era inebriante. Um rodopio sucessivo de manifestações, protestos, debates tomou conta da nossa vida num otimismo irredimível (esse sim, que em mim não morreu). Tanto *momentum* acumulado esfumou-se em ar quando chegou a pandemia do COVID-19, que obrigou a que toda a luta se fechasse em casa. Inevitavelmente, esmoreceu e quando voltamos a sair às ruas o mundo estava drasticamente diferente. A extrema-direita está cada vez mais ativa, articulada e violenta e o que passou de ser visto como *mobilizações de miúdos* passou a ser encarado como uma atividade análoga ao terrorismo. Esta oscilação social resultou num desespero crescente entre as hordas ativistas. À medida que muitos outros tópicos iam assumindo o palco principal- a desigualdade económica, crise da habitação, etc- vi muita gente que conhecia a afunilar-se numa espécie de transe religioso. Repetiam para si mesmos, o mundo *está a acabar e ninguém se importa com isso*. Ninguém além de si próprio, evidentemente.

À medida que via os movimentos climáticos a radicalizar-se contra a sociedade, não conseguia deixar de ver nos seus ativistas pessoas que tinham sido minhas amigas, camaradas, que podiam ter sido eu, caso as minhas circunstâncias pessoais não me tivessem empurrado noutra direção. Assustava-me não as reconhecer ou reconhecer-me demasiado nelas. Vi-as desesperadas, ansiosas, violentas até, mas principalmente vulneráveis. Vi gente a aproveitar-se de jovens cheios de vida e de vontade de tornar o mundo ligeiramente melhor, uma aspiração que deve ser inspirada em todas as sociedades, e não conseguia evadir-me da sensação de que parte do problema estava na sua premissa, de que o mundo está a acabar. Aceitando isso como evidência, tudo (mesmo tudo) se torna justificável, porque passa a assumir contornos existenciais. E isso parecia-me o potencial para o desastre não só no

sentido pessoal mas coletivo. A aceitação da crise climática e a necessidade de a resolver deve ser inevitavelmente confundida com a inevitável desgraça das nossas sociedades?

A palavra que me prendia aí era mesmo *inevitável*. Como podemos ter esperança, no que quer que seja, se achamos que o fim do mundo é inevitável? O futuro deixa de ser uma página em branco onde podemos escrever para um túnel cada vez mais cerrado cujo fim podemos sempre observar.

O que se diz quando se esgotam as palavras? Sabia que falar sobre este problema não é inédito e nem sempre, sinceramente, eficaz. Quis procurar este processo artisticamente, também para me confrontar comigo própria e com as minhas crenças.

Foi dessa procura que nasceu o *Hotel Chronos*. Quis experimentar levar a premissa do inevitável fim do mundo às suas últimas consequências e ao divertido do seu absurdo. Como uma investigação, mas talvez como uma denúncia do que acontece quando desistimos do mundo. Talvez daqui a alguns anos possa relê-la e inspirar-me também.

## Introdução

Este é um trabalho de projeto submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro-especialização em Artes Performativas, realizada sob a orientação científica do professor Diogo Bento.

O primeiro capítulo aborda a crise ecológica, evidenciando dados e conclusões científicas. Explico o modo como este movimento de contestação se criou e desenvolveu ao longo dos tempos de forma global e a relação dos media com a crise climática.

No segundo capítulo, intitulado “*O mundo vai acabar? A catástrofe na filosofia*”, fala-se sobre o catastrofismo ao longo da história, desenvolvo a história filosófica destes movimentos e de movimentos semelhantes na contemporaneidade.

No terceiro capítulo, explana-se sobre a catástrofe ecológica e a abordagem do tema nas artes performativas. Começo por problematizar o modo como a pressão dos ativistas se tem consolidado na construção de políticas públicas que visam tornar as produções mais sustentáveis e promover a questão climática como temática na construção de espetáculos. Dou diversos exemplos disso, extraídos também alguns deles do meu percurso.

No quarto e último capítulo, desenvolvo concretamente o objeto artístico da minha criação, *Hotel Chronos*, começando por elaborar o modo como a reflexão teórica no restante relatório influencia o meu trabalho no geral e esta obra em particular. Discorro ainda acerca do modo como este espetáculo foi criado, como se enquadra na cena artística de forma mais alargada, a reação do público e a colaboração dos intérpretes.

## 1.A CRISE ECOLÓGICA

*Quanto ao futuro, não se trata de prever, mas de o tornar possível. "*  
*Antoine de Saint Exupéry, Citadelle, 1948*

### 1.1 O que é o clima e como está a mudar?

O clima define-se como o padrão a longo prazo meteorológico de uma determinada área. Uma vez que a meteorologia pode oscilar bastante, o clima é considerado a média meteorológica durante trinta anos.<sup>1</sup> Existem vários padrões climáticos ao longo do planeta e são o produto de diversos fatores, desde a latitude, a topografia, até à proximidade a um continente.

As alterações climáticas constituem transformações de longo prazo nos padrões médios meteorológicos da Terra. Essas mudanças observadas principalmente a partir da segunda metade do século XIX são, em grande parte, consequência da intervenção humana, segundo os cientistas do clima. As atividades humanas, entre as quais a queima de combustíveis fósseis, geram gases com efeito de estufa (entre os quais dióxido de carbono e metano) e aumentam a temperatura média global do planeta Terra. Esta era, em 2023, 1.45°C mais quente do que estava no início da revolução industrial.<sup>2</sup> A última década (2011-2020) foi das mais quentes das quais há registo.<sup>3</sup>

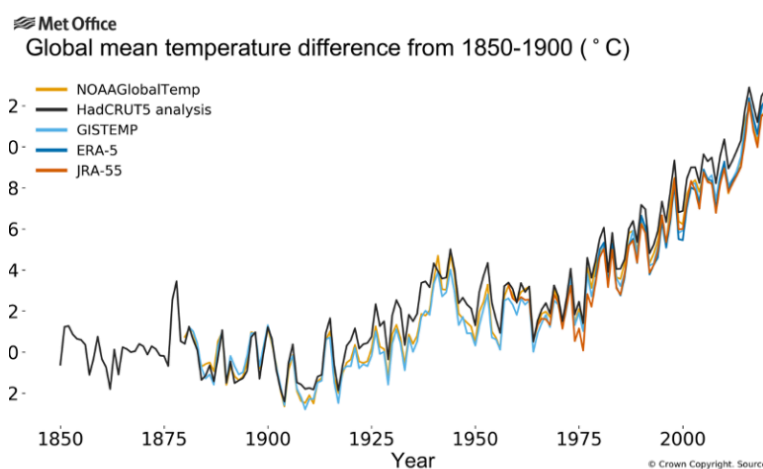


Fig. 1- Variação das temperaturas entre 1850 e 1900. World Meteorological Organization

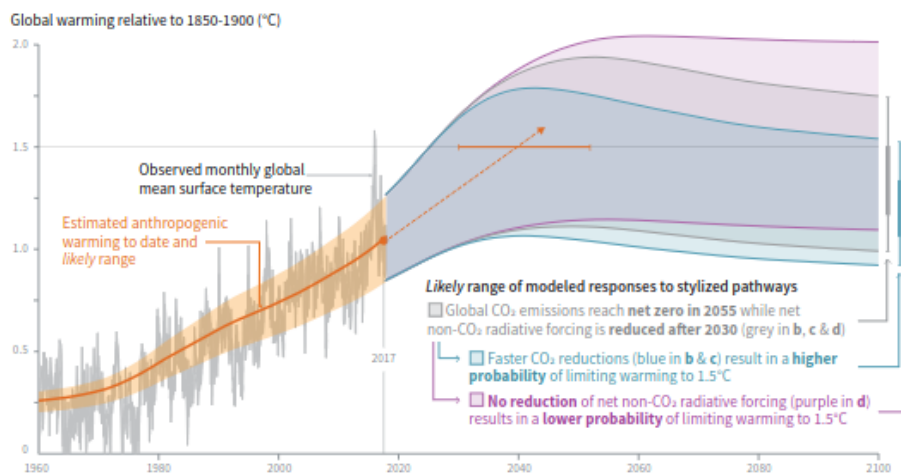
<sup>1</sup> “All about Climate.” *Education*, education.nationalgeographic.org/resource/all-about-climate/. Accessed 5 Aug. 2024.

<sup>2</sup> “Climate Change Indicators Reached Record Levels in 2023: WMO.” *World Meteorological Organization*, 18 Mar. 2024, wmo.int/news/media-centre/climate-change-indicators-reached-record-levels-2023-wmo.

<sup>3</sup> “2020 Was One of Three Warmest Years on Record.” *World Meteorological Organization*, 22 Mar. 2023, wmo.int/media/news/2020-was-one-of-three-warmest-years-record.

Entre 2015 e 2019, e em comparação com os cinco anos anteriores, o ritmo médio de aumento da concentração de CO<sub>2</sub> na atmosfera acelerou em 18%. Os fenómenos visíveis destas alterações climáticas já se expressam na redução significativa da extensão do gelo marinho do Ártico, numa diminuição abrupta do gelo marinho do Antártico, perdas contínuas de massa de gelo nos glaciares, mantos de gelo da Gronelândia e Antártida, numa aceleração no aumento do nível do mar, e ainda em incêndios florestais sem precedentes, particularmente na Europa, na América do Norte, na Austrália, na Amazónia e nas regiões do Ártico.<sup>4</sup> Em Portugal os efeitos das alterações climáticas já se fazem sentir nas secas mais prolongadas e no stress hídrico, principalmente nas regiões a sul do país. Os processos naturais são também alterados pela intervenção humana (por exemplo, os padrões oceânicos cíclicos como o El Niño e a La Niña), além das forças externas (como a atividade vulcânica e as variações na órbita terrestre).

Os registos científicos para as alterações climáticas têm vindo a ser publicados desde o final do século XIX, mas é em 1988 que as Nações Unidas criam o Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas que passa a sintetizar e divulgar o conhecimento mais avançado sobre as alterações climáticas. Estes relatórios, pelo seu caráter de consensualidade científica, costumam apresentar conclusões razoavelmente conservadoras. Em 2016, os cientistas do IPCC juntaram-se para preparar um relatório especial específico para elaborar a necessidade de garantir que as emissões não aumentam, nos próximos anos, mais do que 1.5° graus Celsius em comparação com os níveis pré-industriais. A tese centra-se na ideia de que, a partir desse valor, muitos dos efeitos das alterações climáticas passam a assumir um caráter irreversível. A contabilização destas emissões não é só feita a partir das que são emitidas atualmente, mas considerando a sua acumulação, como é possível observar no gráfico seguinte.<sup>5</sup>



<sup>4</sup> Pereira, Joana Castro. *A Resposta Europeia à Crise Climática (1990-2020) Do Acordo Para a Estabilização de Emissões de GEE Ao Pacto Ecológico Europeu*, gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2022/02/07\_FCG\_CATARINALEAL\_RecursosHidricos\_ForesightPortugal2030\_WEB\_01as.pdf. Accessed 6 Aug. 2024.

<sup>5</sup> *Global Warming of 1.5 oc*, www.ipcc.ch/sr15/. Accessed 7 Aug. 2024.

*Figura 2-Emissões cumulativas de CO e o futuro forçamento radiativo não-CO a determinar a probabilidade de limitar o aquecimento a 1,5°C, IPCC*

## 1.2 Políticas públicas (ou ausência delas) da crise climática

Enfrentar a crise climática é um dos desafios mais complexos a nível global. Uma vez que as emissões e os seus efeitos são sentidos de forma global (embora alguns continentes sejam mais afetados), é impossível resolver estes problemas nacionalmente ou localmente, sem uma rede interconectada de políticas públicas articuladas a todos os níveis. Por esse motivo, desde os anos 80 que a política internacional sobre as alterações climáticas tem vindo a ser mais acentuada, particularmente a partir da criação do IPCC.

Após a ratificação da CQNUAC em 1994, as negociações climáticas internacionais centraram-se na arquitetura de um protocolo dotado de força jurídica, cujo objetivo seria promover a consecução do objetivo de longo prazo da Convenção, isto é, a estabilização da concentração de gases com efeito de estufa na atmosfera a um nível compatível com a segurança climática.<sup>6</sup> Em 1997 foi assinado o Protocolo de Quioto que passava a operacionalizar o quadro das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas (UNFCCC), comprometendo os países industrializados e as economias em transição a limitar e reduzir as emissões de gases com efeito de estufa (GEE) de acordo com objectivos individuais acordados. A partir desta altura as conversas centraram-se nas questões de operacionalidade segundo o princípio das “*comuns mas diferenciadas*” responsabilidades. Em Doha, no Qatar, em 8 de dezembro de 2012, foi adotada a Emenda de Doha ao Protocolo de Quioto para um segundo período de compromisso, com início em 2013 e que se prolonga até 2020. Foi assinada por 147 países.

Em paralelo a este evento, também se passaram a organizar as COPs, reuniões anuais de países e de territórios que têm como objetivo discutir medidas que visam diminuir a emissão de gases do efeito estufa e rever os instrumentos legais que foram implementados pela UNFCCC. Nelas participam todos os 193 países das Nações Unidas. A primeira COP aconteceu em Berlim, na Alemanha, em 1995, um ano após o início das atividades da UNFCCC.

Na COP21, realizada em Paris, foi assinado o Protocolo de Paris, cujo objetivo se centrava em limitar o aumento da temperatura média global para bem abaixo dos 2°C acima dos níveis pré-industriais e prosseguir os esforços para limitar o aumento da temperatura a 1,5°C acima dos níveis pré-industriais. Este protocolo foi considerado um marco no processo multilateral das alterações climáticas porque, pela primeira vez, um acordo vinculativo reunia todas as nações.

Este acordo destaca um conjunto de políticas de cooperação global, entre as quais<sup>7</sup>:

---

<sup>6</sup> Pereira, Joana Castro. *A Resposta Europeia à Crise Climática (1990-2020) Do Acordo Para a Estabilização de Emissões de GEE Ao Pacto Ecológico Europeu*, [gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2022/02/07\\_FCG\\_CATARINALEAL\\_RecursosHidricos\\_ForesightPortugal2030\\_WEB\\_01as.pdf](https://gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2022/02/07_FCG_CATARINALEAL_RecursosHidricos_ForesightPortugal2030_WEB_01as.pdf). Accessed 6 Aug. 2024.

<sup>7</sup> *Acordo de Paris Sobre o Clima | as Nações Unidas No Brasil*, [brasil.un.org/pt-br/88191-acordo-de-paris-sobre-o-clima](https://brasil.un.org/pt-br/88191-acordo-de-paris-sobre-o-clima). Accessed 30 Aug. 2024.

- a urgência de acelerar a implementação da Convenção e o Protocolo de Quioto, a fim de ampliar a ambição pré-2020;

- a promoção do acesso universal à energia sustentável em países em desenvolvimento, particularmente em África, por meio da implantação reforçada das energias renováveis;

- a defesa e promoção da cooperação regional e internacional, de modo a mobilizar a ação climática mais forte e mais ambiciosa para todos os interessados, sejam estes Partes ou não, incluindo a sociedade civil, o setor privado, as instituições financeiras, cidades e outras autoridades subnacionais, comunidades locais e povos indígenas.

Embora o número de conferências e tratados tenha subido, as emissões têm continuado a aumentar. Por exemplo, segundo cientistas da NOAA, 2022 foi o 11º ano consecutivo em que o CO<sub>2</sub> aumentou mais de 2 ppm (partes por milhão), a maior taxa sustentada de aumento de CO<sub>2</sub> nos 65 anos desde o início da sua monitorização.<sup>8</sup>

Como se explica, então, a diferença entre o aparente reforço da ambição da política climática e a incapacidade de reduzir o aumento do ritmo das emissões?

O Acordo Ecológico Europeu lançado em 2029 é, por exemplo, segundo Ursula Von der Leyen, a presidente da Comissão Europeia, o elevado nível de ambição do Pacto Ecológico Europeu que permitirá reconciliar a economia europeia com o planeta. No entanto, apesar do discurso em torno das suas propostas ser de intervenção radical, as propostas foram imediatamente criticadas por serem pouco ambiciosas tanto por ativistas, como académicos e ONGs que declararam que as metas para neutralidade carbónica deveriam ser antecipadas para 2040 de modo a manter o limiar de 1.5°C. Além disso, também é criticado o facto de o Pacto Ecológico Europeu assentar na ideia de crescimento infinito.

Há académicos que criticam não só o nível de investimento, mas também a direção das políticas públicas. Vejamos o exemplo concreto dos mercados de carbono.

Após o Protocolo de Quioto, foram criados vários mecanismos para a redução das emissões. Foram criados vários mercados de carbono, ou seja, essencialmente, compra e venda de licenças para a emissão de gases com efeito de estufa que são nocivos para o ambiente. A partir da COP26, esta aposta tornou-se maior para tentar manter o aumento das temperaturas abaixo de 1.5°C. Na União Europeia, o mercado de carbono funciona no âmbito do Comércio Europeu de Licenças de Emissão (CELE). Cada licença permite a emissão de uma tonelada de dióxido de carbono durante um determinado período. Este mecanismo destina-se a regular as emissões de carbono nas atividades que representam 45% das emissões de GEE na União Europeia.<sup>9</sup> No entanto, uma análise de quarenta e três artigos científicos de 2005 a 2022 sobre o regime de comércio de licenças de emissão da União Europeia (RCLE-UE) conclui que é praticamente consensual que, até à data, o RCLE-UE não conseguiu estimular a mudança tecnológica necessária para alcançar a neutralidade

---

<sup>8</sup> “Greenhouse Gases Continued to Increase Rapidly in 2022.” *National Oceanic and Atmospheric Administration*, [www.noaa.gov/news-release/greenhouse-gases-continued-to-increase-rapidly-in-2022](http://www.noaa.gov/news-release/greenhouse-gases-continued-to-increase-rapidly-in-2022). Accessed 7 Aug. 2024.

<sup>9</sup> *Mercado de Carbono: O Que É e Como Funciona?*, [www.cgd.pt/Site/Saldo-Positivo/Sustentabilidade/Pages/mercado-de-carbono.aspx](http://www.cgd.pt/Site/Saldo-Positivo/Sustentabilidade/Pages/mercado-de-carbono.aspx). Accessed 12 Aug. 2024.

carbónica. Este fracasso é implicitamente atestado pelas várias alterações introduzidas no RCLE-UE ao longo do tempo.<sup>10</sup> Além disso, a natureza especulativa do mercado de vendas de licenças gerou lucros astronómicos para os maiores poluidores. Exemplo disso foi a indústria portuguesa de uso intensivo de energia que obteve lucros especulativos de 975 milhões de euros entre 2008 e 2019, devido à atribuição gratuita de licenças de emissão no mercado de carbono europeu, segundo um relatório da consultora ambiental independente CE Delft divulgado pela Carbon Market Watch e pela organização ambientalista portuguesa ZERO – Associação Sistema Terrestre Sustentável.<sup>11</sup>

Outro problema para aplicação de políticas coerentes na resolução da crise climática centra-se no conflito com outras políticas aplicadas pelas mesmas instituições. Por exemplo, em 2024 foram aprovadas as novas regras orçamentais da UE, regras que tinham sido suspensas durante a pandemia gerada pelo COVID-19. Estas regras têm o objetivo de garantir que nos países da União Europeia a dívida pública não pode exceder 60% do PIB e o défice orçamental não pode ser superior a 3%. No entanto, são os países com maiores dívidas públicas que precisam, normalmente, de fazer maiores investimentos para responder aos seus problemas sociais e para efetivar a transição energética. É o caso de Portugal. De acordo com um relatório<sup>12</sup> elaborado pelos investigadores Dominik Caddick e Sebastian Manga, seriam apenas três países europeus – Suécia, Dinamarca e Irlanda – para os quais os novos limites impostos não impedem o investimento público necessário para atingir os compromissos sociais e climáticos da UE e limitar o aumento da temperatura média global a 1,5°C.<sup>13</sup>

Os problemas da criação de legislação climática é também acompanhada com os problemas da fiscalização da legislação existente. Cada vez mais países estão a considerar danos ambientais – ou *ecocídio* – um crime. Esta definição legal para ecocídio foi desenvolvida por advogados internacionais em 2021, como base de um esforço para criminalizar os danos em massa e a destruição dos ecossistemas. O painel de especialistas define o ecocídio como atos ilegais ou falhas cometidas com conhecimento de que há uma probabilidade substancial de danos graves e generalizados ou de longo prazo ao meio ambiente causados por esses atos.<sup>14</sup>

---

<sup>10</sup> Mandaroux, Rahel, et al. “How to Reinforce the Effectiveness of the EU Emissions Trading System in Stimulating Low-Carbon Technological Change? Taking Stock and Future Directions.” *ScienceDirect*, 12 July 2023, <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0301421523002823#preview-section-abstract>. Accessed 28 Aug. 2024.

<sup>11</sup> Azevedo, Virgílio. “Indústria Portuguesa Com Lucros Especulativos de €975 Milhões No Mercado de Carbono Em 12 Anos.” *Expresso*, Expresso, 7 June 2021, [expresso.pt/economia/2021-06-07-Industria-portuguesa-com-lucros-especulativos-de-975-milhoes-no-mercado-de-carbono-em-12-anos-ea7d651a](https://www.expresso.pt/economia/2021-06-07-Industria-portuguesa-com-lucros-especulativos-de-975-milhoes-no-mercado-de-carbono-em-12-anos-ea7d651a).

<sup>12</sup> “Study: Fiscal Rules Stop New Schools and Hospitals.” *ETUC*, 8 Apr. 2024, [www.etuc.org/en/pressrelease/study-social-cost-austerity-rules](https://www.etuc.org/en/pressrelease/study-social-cost-austerity-rules).

<sup>13</sup> “A Transição Injusta Na União Europeia.” *Ebulicao*, [ebulicao.pt/?p=64](https://www.ebulicao.pt/?p=64). Accessed 12 Aug. 2024.

<sup>14</sup> “What Is Ecocide and Which Countries Recognize It in Law?” *World Economic Forum*, [www.weforum.org/agenda/2021/08/ecocide-environmental-harm-international-crime/](https://www.weforum.org/agenda/2021/08/ecocide-environmental-harm-international-crime/). Accessed 13 Aug. 2024.

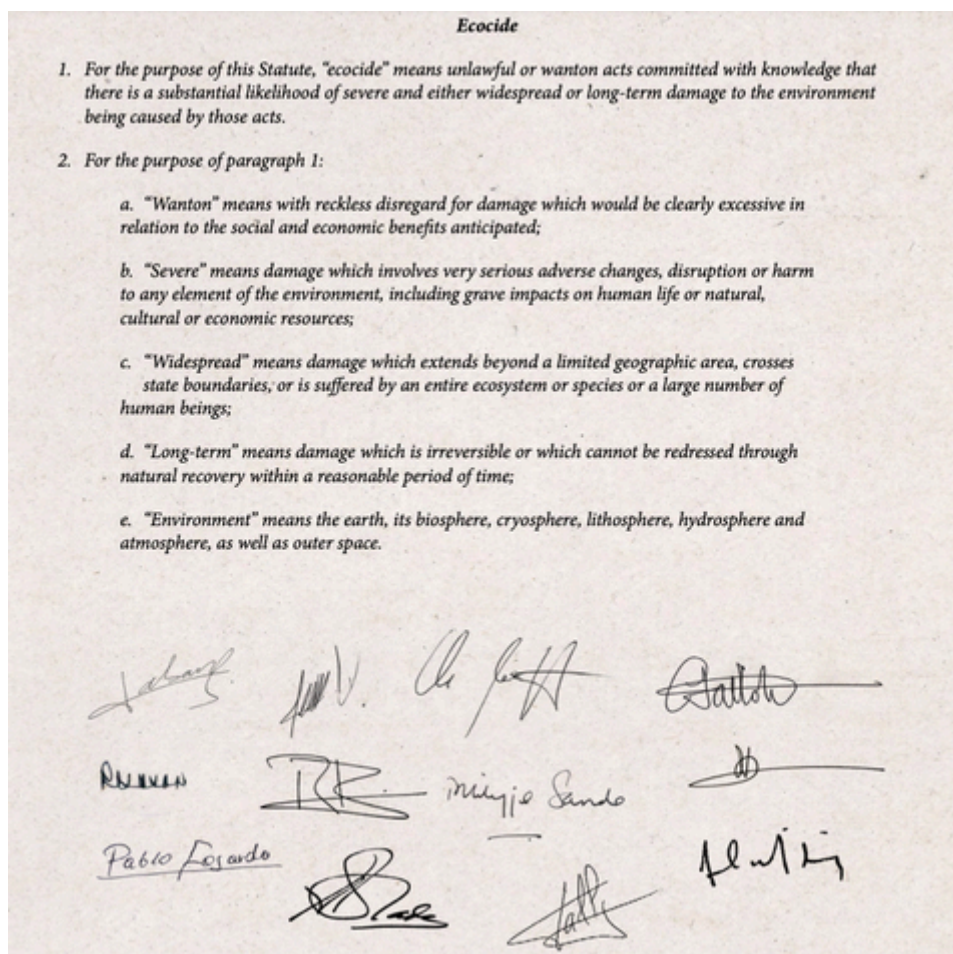


Figura 3- As assinaturas dos painelistas sobre a definição de ecocida proposta. Fonte: Stop Ecocide International

Uma parcela significativa das emissões globais de gases de efeito estufa resulta ou está associada a uma conduta que viola o direito penal existente. No caso do Brasil, é observável nos crimes causados pelo desmatamento e pela degradação florestal. Um estudo do Banco Mundial sobre crimes florestais descobriu que até 90% da exploração madeireira em países tropicais produtores-chave é ilegal e envolve atividade criminoso.<sup>15</sup>

A miríade de explicações alternativas para o fracasso da missão global da redução de emissões ilustra meramente a tentativa de entender o motivo pelo qual as ações e ambições têm divergido de forma tão estrondosa numa questão que se apresenta, para a Humanidade, como fundamental.

### 1.3 Mobilizações contra as alterações climáticas

O campo de intervenção sobre as alterações climáticas tem-se dividido, embora não diametralmente, entre o discurso da importância (ou não) da intervenção individual sobre a

<sup>15</sup> Gallmetzer, Reinhold, et al. "It's Time to Start Prosecuting Climate Criminals." *Ecosystem Marketplace*, 7 July 2017, [www.ecosystemmarketplace.com/articles/its-tim/](http://www.ecosystemmarketplace.com/articles/its-tim/).

questão. Estão na equipa que argumenta em prol da mobilização individual no combate às alterações climáticas autores como Gerald T. Gardner e Paul C. Stern<sup>16</sup> que fornecem uma visão geral da investigação e apresentam uma pequena lista de ações eficazes que os indivíduos e famílias norte-americanas podem tomar nas suas casas para reduzir a energia, bem como as emissões de carbono. Autores como Kim Nicholas expandem esse conceito, apesar de frisarem a necessidade de políticas governamentais, propondo medidas de redução de impacto carbónico a nível individual, entre as quais ter menos um filho, viver sem carro, evitar viagens de avião e adotar uma dieta à base de plantas.

Embora esta investigação se centre especificamente nos comportamentos individuais, reconhece também que os efeitos destas ações individuais variam de país para país devido às variações dos sistemas políticos e económicos. Ou seja, em países em que se oferecem infraestruturas de transportes mais funcionais, como é o caso norueguês, torna-se mais fácil e eficaz apelar à redução da utilização do transporte individual.<sup>17</sup>

Por outro lado, muitos autores têm problematizado as ações individuais como impedimento da implementação de políticas públicas para responder ao tema, especialmente quando confrontados com as estatísticas. Em primeiro lugar, porque muitas intervenções a nível individual são vedadas a pessoas de estratos socioeconómicos mais baixos- como a aquisição de carros eléctricos ou produtos de origem vegetal, muitas vezes mais caros do que as suas edições mais poluentes. Em segundo, porque desvirtuam ao tornar a responsabilidade de “toda a gente” uma coisa difusa (ou seja de ninguém), como argumenta Mark Fisher em *Capitalism Realism*.

Os que preferem a segunda abordagem (embora não necessariamente em direta oposição com a ideia de ações individuais) têm escolhido focar a sua intervenção nas questões mais sistémicas como, por exemplo, o facto de apenas 100 companhias serem responsáveis por 70% das emissões globais desde 1988.

O movimento de crítica à devastação ambiental não é, certamente, recente.<sup>18</sup> Argumenta-se que a consciência ecológica aparece pela primeira vez no registo humano há pelo menos 5.000 anos. Os védicos, sociedade que floresceu no subcontinente asiático no primeiro e segundo milénio a.C., elogiavam as florestas selvagens nos seus hinos. Os taoístas, tradição milenar originária do leste asiático, defendiam que a vida humana deveria refletir os padrões da natureza. Buda ensinava a compaixão por todos os seres sencientes.

---

<sup>16</sup> Gardner, G. T., & Stern, P. C. (2008). The Short List: The Most Effective Actions U.S. Households Can Take to Curb Climate Change. *Environment: Science and Policy for Sustainable Development*, 50(5), 12–25. <https://doi.org/10.3200/ENVT.50.5.12-25>

<sup>17</sup> Kamarck, Elaine, et al. “Taking Power as Individuals (and Why Individual Climate Action Can’t Save Us).” *Brookings*, 21 Feb. 2024, [www.brookings.edu/articles/taking-power-as-individuals-and-why-individual-climate-action-cant-save-us/](http://www.brookings.edu/articles/taking-power-as-individuals-and-why-individual-climate-action-cant-save-us/).

<sup>18</sup> Weyler, Rex. “A Brief History of Environmentalism.” *Greenpeace International*, [www.greenpeace.org/international/story/11658/a-brief-history-of-environmentalism/](http://www.greenpeace.org/international/story/11658/a-brief-history-of-environmentalism/). Accessed 2 Sept. 2024.

Na epopeia mesopotâmica de Gilgamesh, vemos a apreensão face à destruição das florestas e à secagem dos pântanos. Quando Gilgamesh corta árvores sagradas, as divindades amaldiçoam a Suméria com a seca, e Ishtar (mãe da deusa da Terra) envia o Touro do Céu para castigar Gilgamesh. Na Grécia, quando a desflorestação levou à erosão do solo, o filósofo Platão lamentou: *Todas as partes mais ricas e macias caíram, e o mero esqueleto da terra permanece*. Há cinco mil anos, a civilização Indus de Mohenjo Daro<sup>19</sup> (uma antiga cidade no atual Paquistão) já reconhecia os efeitos da poluição na saúde humana e praticava a gestão de resíduos e o saneamento. Em 1306, o rei inglês Eduardo I limitou a queima de carvão em Londres devido ao smog. No século XVII, o naturalista e jardineiro John Evelyn escreveu que Londres se assemelhava aos “subúrbios do Inferno”.

O século XVIII testemunhou o alvorecer dos direitos ambientais modernos. Em 1885 o cacique de Seattle, nativo-americano da tribo Duwamish, escreveu uma carta ao presidente norte-americano depois de o governo ter dado a entender que pretendia comprar o território da tribo. Denunciava a exploração do seu povo e da natureza:

*“ Como podes comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal ideia é-nos estranha. Nós não somos donos da pureza do ar ou do resplendor da água. Como podes então comprá-los de nós? Decidimos apenas sobre o nosso tempo. Toda esta terra é sagrada para o meu povo. Cada folha reluzente, todas as praias arenosas, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo. Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele, um torrão de terra é igual a outro. Porque ele é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo quanto necessita. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga, e depois de exauri-la, ele vai embora. Deixa para trás o túmulo dos seus pais, sem remorsos de consciência. Rouba a terra dos seus filhos. Nada respeita. Esquece a sepultura dos antepassados e o direito dos filhos. ”*<sup>20</sup>

Depois de uma epidemia de febre amarela em Filadélfia, Benjamin Franklin apresentou uma petição para gerir os resíduos e retirar os curtumes para obter ar puro como um “direito” público (embora em terras roubadas às nações indígenas). Mais tarde, o artista americano George Catlin propôs que as terras indígenas fossem protegidas como um “direito natural”. Os movimentos de conservação do século XX foram crescendo nesta altura. O Presidente Franklin Roosevelt destinou mais terras à criação de áreas protegidas do que todos os seus predecessores combinados. Além disso, criou o Serviço Florestal dos Estados Unidos, reforçou a legislação dos parques nacionais e promulgou o Antiquities Act de 1906. Também criou 51 reservas de avifauna, quatro *preserves* de fauna selvagem e 150 florestas nacionais. Estas ações políticas foram feitas muitas vezes sem se conciliarem com os abusos perpetuados nas populações nativas. Durante a década de 1930, mesmo os nazis tinham elementos que apoiavam os direitos dos animais, os jardins zoológicos e a vida selvagem e

---

<sup>19</sup> Roach, John. “The Lost City of Mohenjo Daro.” *History*, 9 Oct. 2009, [www.nationalgeographic.com/history/article/mohenjo-daro](http://www.nationalgeographic.com/history/article/mohenjo-daro).

<sup>20</sup> Silva, Roniel Sampaio. “A Carta Do Cacique Seattle 1855.” *Café Com Sociologia*, 29 July 2020, [cafecomsociologia.com/a-carta-do-cacique-seattle-1855/](http://cafecomsociologia.com/a-carta-do-cacique-seattle-1855/).

muitos eram profusamente ambientalistas. Eles utilizavam mesmo a ideia de que haveria uma forte correlação entre o caráter de um povo com a sua paisagem. Foi nesse contexto que a frase *sangue e solo*, cunhada no nazismo, significava a defesa da pureza ariana e incluía também a natureza que os havia criado, de forma que, com a defesa desta herança natural, a paisagem, o III Reich estaria a defender o futuro e a preservação da cultura ariana. Com a ascensão de Adolf Hitler ao poder em 1933, a concepção de unidade entre o Estado, a comunidade e a natureza (*Volksgemeinschaft*) como símbolo da pureza racial alemã foi rapidamente implementada e um dos primeiros atos de Hitler foi o incentivo para a criação de organizações sociais privadas ou governamentais de proteção e preservação da natureza, cujo tema era a *volta à terra*. Montanhas, rios, florestas passaram a fazer parte do discurso oficial que procurava exaltar a beleza e a pureza da natureza e do solo alemão. Para os nazis, as cidades não eram o foco cultural da raça ariana, nomeadamente as metrópoles, que para eles significavam o exemplo claro de degeneração da raça humana e o poder judeu; pelo contrário, a *Heimat* (o berço natural do povo alemão) ariana era o meio rural, o solo alemão.<sup>21</sup>

No século XXI começaram a surgir novos métodos de protesto. Na Índia, os aldeões de Gopeshwar, em Uttarakhand, inspirados por Gandhi e pelos hindus Bishnoi do século XVIII, defenderam a floresta contra o abate comercial de árvores, cercando-as e abraçando-as. O seu movimento espalhou-se pelo norte da Índia, sendo conhecido como Chipko (*abraçar*) - os abraçadores de árvores originais.



Figura 4- Movimento Chipko (Fonte: MediainIndia)

Em 1977, depois de duas campanhas contra bombas nucleares e confrontos com baleeiros soviéticos e focas norueguesas, a Greenpeace, um dos mais conhecidos movimentos

---

<sup>21</sup> Vitte, Antonio Carlos. “A Preservação Da Paisagem e a Conservação Da Natureza No III Reich.” *Confins. Revue Franco-Brésilienne de Géographie / Revista Franco-Brasileira de Geografia*, Théry, Hervé, 8 Sept. 2017, [journals.openedition.org/confins/12287?lang=pt](https://journals.openedition.org/confins/12287?lang=pt).

ambientalistas, comprou um arrastão reformado em Londres e mudou-lhe o nome para Rainbow Warrior, em homenagem a uma lenda indígena do Canadá.

Outro movimento relevante no século XXI foi o Fridays for Future que começou em 2018, quando a ativista sueca Greta Thunberg se começou a deslocar todas as sextas-feiras até ao seu Parlamento Nacional em Estocolmo para exigir mais ação climática e denunciar a inação do seu governo. A esse movimento foram-se juntando milhares de jovens por todo o mundo. A Semana de greves de 2019 foi uma série de 4500 greves em mais de 150 países e foram provavelmente as maiores greves climáticas da história mundial. Desde as greves de 20 de setembro que reuniram cerca de 4 milhões de manifestantes, muitos dos quais crianças em idade escolar, incluindo 1,4 milhões na Alemanha. Em 27 de setembro, cerca de dois milhões de pessoas participaram em manifestações em todo o mundo, incluindo mais de um milhão de manifestantes em Itália e várias centenas de milhares de manifestantes no Canadá.<sup>22</sup>

A tática de Greta Thunberg e dos movimentos como o Fridays for Future era centrada neste período, principalmente na organização e coordenação de greves a nível local, nacional e internacional. Muitos dos ativistas que surgiram deste movimento passaram a integrar cargos e posições institucionais. É o caso de Jerome Foster, o norte-americano mais jovem membro do Conselho Consultivo para a Justiça Ambiental da Casa Branca no âmbito da administração Biden.<sup>23</sup>

Greta tem-se engajado cada vez mais com movimentos que utilizam táticas mais radicais, como a participação em ações de desobediência civil. Um movimento originário do Reino Unido que popularizou muito esta tática no movimento climático chama-se Extinction Rebellion<sup>24</sup>. Seguem a tradição dos movimentos de protestos não-violentos para a independência da Índia ao sufrágio feminino, do movimento dos direitos civis à primavera Árabe. Em Portugal, o movimento Climáximo tem seguido esta linha de intervenção, gerando reações controversas. O bloqueio da Segunda Circular em Lisboa<sup>25</sup> que os ativistas levaram a cabo no dia 3 de Outubro de 2023 representa um desses momentos. Enquanto empunhavam cartazes com alegações, entre as quais “a crise climática é um genocídio”, foram agredidos violentamente por automobilistas. Este género de reação expressa um desengajamento e inclusive uma radicalização cada vez maior da sociedade em torno das causas do movimento por justiça climática.

---

<sup>22</sup> “Fridays for Future Is an International Climate Movement Active in Most Countries and Our Website Offers Information on Who We Are and What You Can Do.” *Fridays For Future*, 5 Aug. 2023, [fridaysforfuture.org/](https://fridaysforfuture.org/).

<sup>23</sup> Goldstein, Joelle, and Eileen Finan. “Meet Jerome Foster II, Teen Climate Hero and Greta Thunberg’s Friend: Saving the Planet Is ‘up to Us.’” *Peoplemag*, PEOPLE, 14 Apr. 2021, [people.com/human-interest/jerome-foster-ii-teen-climate-hero-saving-the-planet-earth-day/](https://people.com/human-interest/jerome-foster-ii-teen-climate-hero-saving-the-planet-earth-day/).

<sup>24</sup> “Why We Rebel.” *Extinction Rebellion*, [rebellion.global/why-rebel/](https://rebellion.global/why-rebel/). Accessed 2 Sept. 2024.

<sup>25</sup> Tomas, Carla, and Expresso. “Nove Ativistas Climáticos Bloquearam 2.a Circular, Em Lisboa: Foram Retirados Por Condutores, Queixam-Se de Agressões e Acabaram Detidos.” *Expresso*, Expresso, 3 Oct. 2023, [expresso.pt/sustentabilidade/ambiente/2023-10-03-Nove-ativistas-climaticos-bloquearam-2.-Circular-em-Lisboa-foam-retirados-por-condutores-queixam-se-de-agressoes-e-acabaram-detidos-72ee5b53](https://expresso.pt/sustentabilidade/ambiente/2023-10-03-Nove-ativistas-climaticos-bloquearam-2.-Circular-em-Lisboa-foam-retirados-por-condutores-queixam-se-de-agressoes-e-acabaram-detidos-72ee5b53).



Figura 5- Bloqueio da segunda circular (Fonte: Sabado.pt)

O mesmo paradoxo verificou-se nas ações do Just Stop Oil de *ataque* a quadros e a itens culturais. Um destes momentos que ficou mais célebre e até mesmo infame foi o momento em que atiraram sopa de tomate aos *girassóis* de Vincent van Gogh na Galeria Nacional de Arte de Londres em meados de outubro de 2022.<sup>26</sup>



Figura 6- Ação da Just Stop Oil (Fonte:juststopoil.org)

#### 1.4 Discursos sobre a crise climática

*A minha mensagem é que estaremos de olho em ti. Isto está tudo errado. Eu não devia estar aqui em cima. Devia estar de volta à escola, do outro lado do oceano. No entanto, vêm todos ter connosco, jovens, em busca de esperança. Como se atrevem?*

*Roubaram-me os meus sonhos e a minha infância com as vossas palavras vazias. E, no entanto, eu sou uma das sortudas. As pessoas estão a sofrer. As pessoas estão a morrer. Ecossistemas*

---

<sup>26</sup> Quiroz, Lilly. "The Activist Who Threw Soup on a van Gogh Says It's the Planet That's Being Destroyed." *NPR*, NPR, 1 Nov. 2022, [www.npr.org/2022/11/01/1133041550/the-activist-who-threw-soup-on-a-van-gogh-explains-why-they-did-it](http://www.npr.org/2022/11/01/1133041550/the-activist-who-threw-soup-on-a-van-gogh-explains-why-they-did-it).

*inteiros estão a entrar em colapso. Estamos no início de uma extinção em massa e vocês só falam de dinheiro e de contos de fadas de crescimento económico eterno. Como se atrevem?*

*Durante mais de 30 anos, a ciência tem sido absolutamente clara. Como se atrevem a continuar a desviar o olhar e a vir aqui dizer que estão a fazer o suficiente, quando a política e as soluções necessárias ainda não estão à vista? (...) Não haverá soluções ou planos apresentados aqui hoje em função destes números, porque estes números são demasiado incómodos. E vocês ainda não têm maturidade suficiente para dizer as coisas como elas são."*

Greta Thunberg, 2021, discurso das Nações Unidas<sup>27</sup>

Greta Thunberg é uma ativista ambiental sueca que tem trabalhado para resolver o problema das alterações climáticas, fundando em 2018 um movimento conhecido como Fridays for Future (também designado por School Strike for Climate). Procurando causar um maior impacto, Thunberg tentou incitar os legisladores a abordar as alterações climáticas. Durante quase três semanas antes das eleições suecas de setembro de 2018, faltou às aulas para se sentar à porta do parlamento do país com um cartaz que dizia "Skolstrejk för Klimatet" . Apesar de ter estado sozinha no primeiro dia da greve, a cada dia subsequente juntaram-se-lhe cada vez mais pessoas e a sua história atraiu a atenção internacional. Os seus discursos têm se tornado cada vez mais proeminentes e conhecidos na denúncia da inação política em torno do tema das alterações climáticas. Esta mobilização contribuiu para uma ênfase crescente da questão climática nos meios de comunicação social, trazendo muitos outros atores para o debate público.

Na onda do movimento do Fridays for Future também se popularizaram alguns discursos de outros ativistas de outras áreas geográficas, entre os quais o discurso da jovem ativista climática do Uganda Vanessa Nakate:

*“Por isso, vim aqui para vos dizer que não acreditamos em vocês. Não acreditamos que os bancos vão de repente colocar trilhões de dólares em cima da mesa para a ação climática, quando os países ricos têm lutado desde 2009 para angariar 100 mil milhões de dólares para os países mais vulneráveis do mundo. Não acreditamos que as promessas feitas pelas empresas financeiras para acabar com a desflorestação irão efetivamente impedir que as árvores sejam cortadas ou queimadas. Simplesmente não acreditamos nisso. Mas estou aqui neste momento para pedir aos líderes empresariais e financeiros. Mostrem-nos a vossa fidelidade. Mostrem-nos a vossa fiabilidade. Mostrem-nos a vossa honestidade. Estou aqui para dizer: provem que estamos errados. Na verdade, estou aqui para vos implorar que provem que estamos errados. Precisamos desesperadamente que nos provem que estamos errados. Por favor, provem que estamos errados. Que Deus nos ajude a todos. Se não conseguirem provar que estamos errados, que Deus nos ajude. Obrigada, Sr. Presidente.”*

Vanessa Nakate, COP26<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> NPR Staff. (2019, September 23). *Transcript: Greta Thunberg's Speech At The U.N. Climate Action Summit*. Npr.org. <https://www.npr.org/2019/09/23/763452863/transcript-greta-thunbergs-speech-at-the-u-n-climate-action-summit>

<sup>28</sup> Media, Juice, et al. "Humanity Will Not Be Saved by Promises." *theAnalysis.News*, 20 Apr. 2022, [theanalysis.news/humanity-will-not-be-saved-by-promises/](https://theanalysis.news/humanity-will-not-be-saved-by-promises/).

Por outro lado, o ceticismo climático, contrariado pelo consenso científico, continua a ser disseminado no espaço público. Em 2019, Donald Trump, na época presidente norte-americano, afirmava no programa “60 minutes”:

*“Eu não quero dar trilhões e trilhões de dólares. Eu não quero perder milhões e milhões de empregos. Eu não quero ser posto em desvantagem. (...) Eu não estou a negar as alterações climáticas, mas pode muito bem ser revertido. (...) Vai ter de me mostrar os cientistas porque eles têm uma agenda política muito forte. Os cientistas também têm uma agenda política.”<sup>29</sup>*

Na mesma época o partido de extrema-direita alemã, AFD, comprometido com a reversão das políticas de transição energética alemãs, afirmava:

*“A coisa mais importante é a educação e o bom senso das pessoas. Apesar dos níveis constantes de CO2 nos últimos anos têm havido enormes variações no clima. Não há causa e efeito entre o CO2 e a temperatura.”<sup>30</sup>*

Outras figuras representativas da sociedade têm abordado a questão ecológica discursivamente. Uma dessas tem sido consistentemente o Papa Francisco. Na sua encíclica lançada em 2015 “*Laudato Si’: On Care For Our Common Home*”, abordou a degradação ambiental e o aquecimento global, criticando o consumismo e o desenvolvimento irresponsável. Na conferência de verão do Vaticano, em 2024, afirmou:

*“Encontramo-nos perante desafios sistémicos distintos mas interligados: as alterações climáticas, a perda de biodiversidade, a degradação ambiental, as disparidades globais, a falta de segurança alimentar e as ameaças à dignidade dos povos por elas afetados. Cada uma destas questões deve ser abordada com urgência e coletivamente, a fim de salvaguardar os pobres do mundo, especialmente as mulheres e as crianças, que suportam um fardo desproporcionado.*

*No entanto, essas mesmas mulheres não são apenas vítimas das alterações climáticas, mas também uma força poderosa de resiliência e adaptação.”<sup>31</sup>*

Também António Guterres, secretário-geral das Nações Unidas, tem feito declarações cada vez mais alarmistas em torno do tema climático, de modo a incitar a ação dos governos. Eis um discurso efetuado em Nova Iorque em Junho de 2024:

*“(...) Todos nós podemos fazer as contas. A este ritmo, todo o orçamento de carbono será quebrado antes de 2030. A verdade é que as emissões globais precisam cair 9% a cada ano até 2030 para manter o limite de 1,5 graus vivo. Mas elas estão a ir na direção errada. No ano passado, elas aumentaram 1%. A verdade é que já enfrentamos incursões em território de 1,5 graus. A Organização*

---

<sup>29</sup> News, Guardian. “Trump Reiterates His Climate Change Doubts: ‘Show Me the Scientists.’” *YouTube*, YouTube, 2019, [www.youtube.com/watch?v=Uf7vYkX-WVs](https://www.youtube.com/watch?v=Uf7vYkX-WVs).

<sup>30</sup> “Right-Wing Populists’ Denial of Climate Change | DW News.” *YouTube*, DW News, 2019, [www.youtube.com/watch?v=1-XmptH1z4c](https://www.youtube.com/watch?v=1-XmptH1z4c).

<sup>31</sup> “Pope Francis: ‘Path to Climate Resilience Impeded by Short-Term Greed.’” *Vatican News*, 16 May 2024, [www.vaticannews.va/en/pope/news/2024-05/pope-francis-sciences-academies-climate-resilience-audience.html](https://www.vaticannews.va/en/pope/news/2024-05/pope-francis-sciences-academies-climate-resilience-audience.html).

*Meteorológica Mundial relata hoje que há uma chance de 80% de que a temperatura média anual global exceda o limite de 1,5 grau em pelo menos um dos próximos cinco anos. (...) Estamos a jogar à roleta russa com o nosso planeta. Precisamos de uma rampa de saída da estrada para o inferno do clima. E a verdade é que temos o controlo da roda. O limite de 1,5 graus ainda é praticamente possível. Vamos lembrar-nos – é um limite para o longo prazo – medido ao longo de décadas, não meses ou anos. Então, ultrapassar o limite de 1,5 por um curto período não significa que o objetivo de longo prazo seja impossível. Significa que precisamos de lutar mais. Agora. Agora. (...)*<sup>32</sup>

Embora o tema seja cada vez mais abordado e cada vez um maior campo de batalha, a questão é cada vez mais presente na sociedade em geral e, em particular, nas gerações mais novas. Segundo um estudo de 2021 do Centro de Ciências do Mar e do Ambiente (MARE) onde foram entrevistadas mais de 400 alunos do ensino básico entre os 10 e os 13 anos (5.º ao 8.º ano), participantes no Clube Ciência Viva na Escola em duas escolas do concelho de Ansião, a maioria dos jovens intervenientes diz conhecer e parece estar preocupada com os resultados negativos das alterações climáticas. Questionados sobre o que sabem, usam palavras como *prejudicial, perigoso ou mau*.<sup>33</sup>

---

<sup>32</sup>“Secretary-General’s Special Address on Climate Action ‘A Moment of Truth’

Secretary-General.” *United Nations*,

United Nations, [www.un.org/sg/en/content/sg/speeches/2024-06-05/secretary-generals-special-address-climate-actionoment-of-truth%C2%A0](https://www.un.org/sg/en/content/sg/speeches/2024-06-05/secretary-generals-special-address-climate-actionoment-of-truth%C2%A0). Accessed 30 Sept. 2024

<sup>33</sup> Durães, Mariana. “Muitas Perguntas, Poucas Respostas e Um Relógio Que Não Pára: Quando a Crise Climática Provoca Ansiedade.” *PÚBLICO*, Público, 19 Mar. 2021, [www.publico.pt/2021/03/19/p3/noticia/perguntas-respostas-relogio-nao-crise-climatica-provoca-ansiedade-1955001](https://www.publico.pt/2021/03/19/p3/noticia/perguntas-respostas-relogio-nao-crise-climatica-provoca-ansiedade-1955001).

## 2. O MUNDO VAI ACABAR? A CATÁSTROFE NA FILOSOFIA

### 2.1 Catastrofismo

O estado da degradação ambiental no planeta parece assumir um ritmo galopante. Até 2023, já se realizaram 27 COP's (Conferências das Partes), onde foram tomadas decisões sobre política climática ao nível internacional que se revelam insuficientes para enfrentar o urgente problema de frente. O IPCC refere que a influência humana já levou o planeta à trajetória de aquecimento mais rápida em 2 mil anos e já produziu uma temperatura média que supera o período pré-industrial em mais de 1 grau Celsius (1°C). Lançam o alerta sobre as catástrofes imediatas que se vivem, como o facto da crise climática estar a afetar os padrões de precipitação em todo o mundo, fazendo com que metade da população mundial esteja a enfrentar escassez de água.<sup>34</sup> Quando falamos de catástrofes tendemos a pensar no número de danos materiais e de mortes, mas os danos psicológicos podem ser bastante mais longos e duradouros. Por exemplo, antes do colapso da União Soviética (a União Soviética foi dissolvida em 1991), a partir dos anos 70 do século XX já se verificava uma grande decadência social, política e económica, com elevadas flutuações de instabilidade. Nesta época, sem qualquer tiro de kalashnikov ou ameaças de mísseis, verificou-se uma aceleração do declínio da esperança média de vida. Verificava-se que em 1992 e 1994 os homens tinham perdido cerca de 6 anos de esperança média de vida (de 63,8 a 57,7 anos), enquanto as mulheres tinham perdido 3 anos (de 74,4 a 71,2 anos). As causas destes eventos estavam principalmente relacionadas com suicídios, consumo de álcool excessivo e doenças infecciosas.<sup>35</sup>

No caso da crise climática, além dos prejuízos nas vidas, também já encontramos sequelas psicológicas da percepção da nossa ameaça existencial: a *eco-ansiedade* é descrita pela American Psychology Association (APA) como *o medo crónico de sofrer um cataclismo ambiental que ocorre ao observar o impacto, aparentemente irrevogável, das mudanças climáticas, gerando uma preocupação associada ao futuro de si mesmo e das gerações futuras*. Já o termo *solastalgia*, cunhado pelo filósofo australiano Glenn Albrecht, define *um conjunto de distúrbios psicológicos que ocorrem em uma população nativa após mudanças destrutivas no seu território*.

Na Índia, nos últimos trinta anos de agravamento das perdas das colheitas agrícolas, sentia-se no país um clima de desespero profundo e verificaram-se cerca de 60 000 suicídios. Nestes casos, esta conexão é muito visível mas, na maior parte de experiências de perdas ecológicas, estas são consideradas atos de violência lenta, resultando num progressivo sentimento de perda de conexão com o território.

O campo de estudo sobre a tempestade de emoções relativamente às alterações climáticas tem sido amplamente documentado. A mais evidente é a tristeza que surge quando

---

<sup>34</sup> “Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability.” IPCC a” Intergovernmental Panel on Climate Change, <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg2/>.

<sup>35</sup> Shkolnikov, V., McKee, M., & Leon, D. A. (2001). Changes in life expectancy in Russia in the mid-1990s. *Lancet (London, England)*, 357(9260), 917–921. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(00\)04212-4](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(00)04212-4)

perdemos o que amamos, podendo gerar desespero ou niilismo. O segundo é a raiva (e até mesmo a violência), importante para marcar a defesa de um território ou de uma identidade atacada ou violada. Pode ser também uma expressão do sofrimento ou da vontade (raiva de viver). O medo também é uma sensação muito abordada e ambígua. Este medo pode paralisar-nos ou colocar-nos em movimento. Por isso mesmo, alguns teóricos têm começado a distinguir entre o medo que nos prepara para preocupações imediatas ou o medo a longo prazo.<sup>36</sup>

A profecia está desenhada. O relógio do apocalipse, uma construção simbólica administrada pela entidade sem fins lucrativos Bulletin of the Atomic Scientists (BAS), que mede a proximidade da humanidade do desastre com base nas séries de ameaças vividas, está a 90 segundos da meia-noite, o valor mais próximo de sempre.

Cresce a ideia de que o mundo vai colapsar. Razoavelmente e com motivos, dirão as pessoas confrontadas com a magnitude do problema que enfrentamos com pouco tempo para a sua resolução.

Em 2005, Jared Diamond, geógrafo e escritor norte-americano, lançava o livro *Colapso - Como as Sociedades Escolhem o Fracasso ou o Sucesso*. A premissa é relativamente simples: porque é que algumas sociedades prosperaram e outras, ao enfrentarem dificuldades como as alterações climáticas, o ataque externo, colapsaram? O especialista procura casos documentados na Antropologia, Economia e História. O autor escolheu focar-se preferencialmente na questão da degradação climática por se posicionar como uma das crises que constitui um maior risco social e por ser uma das mais urgentes para o mundo ocidental atualmente. O texto teve um grande impacto no seu lançamento e tem sido bastante debatido e criticado, sendo Diamond para alguns, entre as quais a autora Natália Nazaki, considerado *um determinista ambiental*, que faz uma *simplificação de algumas hipóteses causais* e descarta a crítica às soluções de *greenwashing*<sup>37</sup> para a resolução do problema climático.

Como resposta à necessidade de estudar este problema de forma mais profunda, surgiu em França uma corrente teórica denominada de *collapsosophie*, um conceito criado por Pablo Servigne, Raphaël Stevens e Gauthier Chapelle no seu ensaio *Um outro fim do mundo é possível*, publicado em 2018.

*“Propomos chamar ‘colapsosofia’ (‘sophie’ = sabedoria) ao conjunto de comportamentos e posições que decorrem desta situação inextricável (dos colapsos ocorridos e de um possível colapso global) e que ultrapassam o domínio estrito das ciências. A mesma abordagem de abertura e descompartmentação que adotamos para a colapsologia encontra-se aqui numa abertura mais ampla às questões éticas, emocionais, imaginárias, espirituais e metafísicas. Não queremos escolher lados, mas procurar as complementaridades e as ligações que podem ser tecidas entre todos estes domínios para nos ajudar nestas transformações externas e internas.”*<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> Smith, Nicholas & Leiserowitz, Anthony. (2013). The Role of Emotion in Global Warming Policy Support and Opposition. Risk analysis : an official publication of the Society for Risk Analysis. 34. 10.1111/risa.12140.

<sup>37</sup> Hanazaki, Natalia. (2006). Colapso: como as sociedades escolhem o sucesso ou o fracasso. Ambiente & Sociedade. 9. 199-201. 10.1590/S1414-753X2006000200010.

<sup>38</sup> Recits, Graines de. “Collapsosophie.” *L’Arbre Des Imaginaires*, 30 Mar. 2022, [larbreesimaginaires.fr/seve/collapsosophie/](http://larbreesimaginaires.fr/seve/collapsosophie/).

Os autores também referem que o objetivo da sua corrente não é fazer diagnósticos precisos sobre o futuro ou impedir a catástrofe, mas antes aprender a viver com os desenvolvimentos negativos e as transformações brutais e progressivas que se anunciam ao fim de encontrarmos força ou coragem para nos transformarmos ou para possibilitar a nossa metamorfose.

Os autores proponentes da teoria argumentam que esta demanda se debruça em cinco momentos essenciais:

- 1) A pessoa não parece identificar um problema fundamental.
- 2) A pessoa toma consciência de um problema fundamental.
- 3) Há uma tomada de consciência de diversos outros problemas maiores.
- 4) A pessoa toma consciência da interdependência de todos esses problemas.
- 5) A pessoa muda irremediavelmente de ponto de vista. Este momento pode passar por entender que o problema não será resolvido e a pessoa acomodar-se-á a viver com ele. Nesta situação, os autores sugerem que há duas formas de lidar com a questão: uma exterior, a da intervenção política, ou uma interior, que muitas vezes se torna num regresso a outros modos de espiritualidade.

A noção de catastrofismo não é exclusiva do debate climático. A teoria das catástrofes naturais (ou o catastrofismo) é uma teoria desenvolvida pelo naturalista Georges Cuvier (1769-1832), que pretendia explicar a evolução do planeta. De acordo com a sua teoria, explica os diversos eventos de extinção que o naturalista constatou terem ocorrido na história da vida da Terra através da análise de fósseis e estratos geológicos. O catastrofismo defende que, no seu passado, a Terra sofreu a ação de fenómenos catastróficos (ou revoluções), principalmente inundações, que resultaram nas configurações geológicas e biológicas atuais, o que explica, por exemplo, a ocorrência de fósseis marinhos em regiões distantes da costa.<sup>39</sup> Esta teoria foi desacreditada e muito questionada pelos autores que defendiam o uniformitarismo: doutrina que sugere que os processos geológicos na Terra aconteceram no passado da mesma maneira e com a mesma intensidade que ocorrem no presente, sendo tal uniformidade suficiente para ocasionar todas as mudanças geológicas vistas atualmente. Um dos autores mais proeminentes desta teoria, James Hutton, defende que o tempo geológico não se pode medir com um início ou fim, tendo aberto caminho para a teoria da evolução darwinista.<sup>40</sup>

A catástrofe propõe uma ideia de fim definitivo. Mas o fim é sempre só um princípio.

## 2.2- O papel das religiões

---

<sup>39</sup> *The Foundation of Modern Geology*, [publish.illinois.edu/foundationofmoderngeology/catastrophism/](http://publish.illinois.edu/foundationofmoderngeology/catastrophism/). Accessed 12 Sept. 2024.

<sup>40</sup> MAT, Mahmut. "Uniformitarismo " Ciência Geológica." *Geology Science*, 16 Apr. 2023, [pt.geologyscience.com/geologia/uniformitarismo/](http://pt.geologyscience.com/geologia/uniformitarismo/).

A expressão *millenialismo*, originário do latim *mīllēnārius*, que significa “o que contém um milhar de anos”, refere-se à crença política, cultural ou religiosa de que se dará uma transformação fundamental na sociedade, originando um novo paradigma de vida. Esta mudança é geralmente percebida como ocorrente após um evento catastrófico, um cataclismo.

Embora esta crença de horário apocalíptico se expresse tanto de forma secular como religiosa, ela denota duas variações principais que se expressam nas diferentes designações. Millenialismo refere-se geralmente a uma transição razoavelmente pacífica das fases, uma chegada a uma utopia milenar (o nazismo, cujo 3º Reich deveria durar mil anos, segundo as palavras do seu profeta, Adolf Hitler), enquanto o milenarismo se refere a uma chegada mais destrutiva desta nova época, visão muito partilhada entre os grupos que constituem os novos movimentos religiosos e as alternativas espirituais que surgiram principalmente na segunda metade do século XX. Estes grupos têm-se atrevido, desde o seu aparecimento, a interpretações religiosas mais livres em contraste com as normas teológicas mais clássicas.

A maioria dos grupos milenaristas parte da crença de que as regras da sociedade atual (e, conseqüentemente, os seus agentes) são corruptas e imorais, prevendo que estas sejam destruídas por forças sobrenaturais. A natureza destrutiva do status quo é perspectivada como sendo somente alterada por algum género de ação dramática.

Henri Desroche, um sociólogo francês, padre de ordem dominicana, após algum trabalho de análise, sugere que os movimentos milenaristas veem a transformação como decorrente de três fases específicas:

**Primeira fase:**

Os líderes eleitos pelo movimento são crescentemente oprimidos.



**Segunda fase:**

O movimento resiste à opressão



**Terceira fase:**

A chegada de uma nova época utópica, que liberta os membros do grupo

A figura do líder carismático é diversas vezes referida também como a figura *que enfatiza na sua pregação uma inversão com a chegada de tempos paradisíacos, que se instala uma comunidade messiânica, formada pelos que ouviram a sua pregação e o seguiram com ardente esperança.*

Porém, a *comunidade messiânica*, que surge posteriormente, estabelece relações entre si, tornando os primeiros fiéis os únicos a tornar viável *um novo modo de vida, este sim, concreto e real, uma prefiguração da vida futura e, sem se dar conta do que faz, inaugura*

*novas relações, que, de tão perigosas e ameaçadoras, não podem ser suportadas pela sociedade abrangente.*<sup>41</sup>

Muitos grupos milenaristas se têm debruçado em torno de ideais pacifistas, por vezes até numa posição de rejeição de mundo - uma postura muito fechada no que toca ao envolvimento dos aderentes e da atitude do grupo relativamente à sociedade. Muitos outros, por outro lado, têm concentrado as suas crenças sobre a necessidade de transcender as regras convencionais de comportamento, podendo resultar em violência orientada de forma interna (o caso de Jonestown nos Estados Unidos em que um culto de cerca de novecentas pessoas se suicidou<sup>42</sup>) ou de forma externa (ataques terroristas, por exemplo).

Podemos ler no catecismo da Igreja Católica:

*O engano do Anticristo já começa a tomar forma no mundo de cada vez que é feita a reivindicação de perceber dentro da história aquela esperança messiânica que só pode ser realizada para além da história através do julgamento escatológico. A Igreja rejeitou até mesmo formas modificadas desta falsificação do reino para vir sob o nome de milenarismo, especialmente a forma política "intrinsecamente perversa" de um messianismo secular.*<sup>43</sup>

As tendências milenaristas católicas têm sido, ao longo dos tempos, categoricamente rejeitadas pela Igreja Católica, sendo mesmo consideradas *hereses, baseadas na interpretação, considerada errónea, dos Salmos e do Apocalipse de São João, o Evangelista.*<sup>44</sup> Critica-se a inserção da cosmologia pagã que determina os ciclos de regeneração da vida, assim, contrariando a ideia da onipotência divina. Além disso, para a Igreja seria sempre uma perspetiva a rejeitar não advindo da própria instituição, detentora do monopólio da interpretação bíblica. Joaquim de Fiore, uma importante figura na teologia medieval, é reconhecido como uma das figuras mais relevantes nesse campo, tendo esboçado um novo imaginário apocalíptico através de obras como *Concordia Novi ac Veteris Testamenti*, a *Expositio in Apocalypsim* e o *Tractatus super quatuor Evangelia.*<sup>45</sup>

### 2.3 Ficção do apocalipse e catastrofismo contemporâneo

Susan Sontag, uma influente autora e crítica de arte norte-americana, escreveu em 1965 o texto *Imagination of disaster*, ensaio no qual argumenta que a ficção científica ocidental e os filmes de terror contribuíram para a resposta insuficiente a problemas sócio-políticos. Expõe que, embora as preocupações sejam muito válidas, as conclusões destes filmes tendem a ser insatisfatórias, uma vez que não questionam o sistema,

<sup>41</sup> Campos, Leonildo Silveira. "Movimentos Messiânico-Milenaristas: Modos De Transformação Do Desespero Em Esperança." *Revista USP*, no. 108, 2016.

<sup>42</sup> Fondakowski, Leigh, et al. "Jonestown Massacre Survivors Need Their Story Told Too." *Time*, Time, 17 Nov. 2021, <https://time.com/6120017/jonestown-massacre-survivors/>.

<sup>43</sup> Catechism of the Catholic Church, paragraph 676

<sup>44</sup> Pinto, Manuel da Costa. *Folha De S.Paulo - Para Milenaristas, Hístria Se Repete Em Ciclos - 11/7/1994*, [https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/7/11/caderno\\_especial/1.html](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/7/11/caderno_especial/1.html).

<sup>45</sup> Joaquim de Fiore, *Os sete selos. De septem sigillis*, tradução, introdução e notas Alfredo Gatto, (Col. Imago Mundi, 14), Ed. Afrontamento, Porto 2015. 126 pp.

especialmente relativamente à preocupação nuclear, que era central à época da guerra fria (época na qual o ensaio foi escrito). “[Há um] sentido, escreve Sontag, *em que estes filmes são cúmplices do abominável... Inculcam uma estranha apatia em relação ao processo de radiação, contaminação e destruição que eu, pessoalmente, acho assombroso e deprimente.*” Ao invés disso, este género apocalíptico cria um imaginário de beleza e uma fantasia normalizante da possibilidade da dizimação da vida. Sontag estabelece uma diferença entre a ficção científica *antiga*, que tem uma relação relativamente inocente com o desastre, e a ficção científica da segunda metade do século XX, que *expande largamente o imaginário do desastre e os seus protagonistas - talvez pela natureza da entidade que os visita - já não parecem completamente inocentes.*<sup>46</sup>

Sontag não é uma das únicas pessoas a reconhecer o fascínio pelo fim do mundo no mundo cinematográfico. O crítico Charles Derry apelidou este subgénero de ficção científica como *horror do Armagedão* após fazer um estudo e divisão entre subtipos dos filmes americanos de horror gravados entre 1960 e 1976.<sup>47</sup> Sontag, no entanto, propõe como um dos pontos principais da sua argumentação o facto desta normalização do insuperável servir para nos socializar para uma existência menos insatisfatória e mais marcada pela ansiedade. Ela explicita os modelos da engenharia para este género e o facto de serem tão repetitivos como forma de assegurar esta normalização.

A fórmula seria:

- 1) A chegada da *coisa*. Emergência de um monstro, de uma invasão alienígena que geralmente é só presenciada por uma pessoa relativamente ingénuo. Ninguém acredita nesta personagem durante algum tempo.
- 2) O relatório da primeira testemunha é confirmado publicamente após um grande ato de destruição.
- 3) Na capital do país, conferências entre cientistas e as forças militares acontecem. A testemunha, agora personagem principal, faz parte desta apresentação. É declarada emergência nacional. Chegam autoridades de outros países e são feitos planos para destruir o inimigo.
- 4) Mais atrocidades. Cidades destruídas, planos de evacuação, etc...
- 5) Mais conferências nas quais o slogan é *esta coisa deve ser vulnerável a qualquer coisa*. A última estratégia é definida, combate-se a entidade invasora. Há congratulações mútuas.

Alguns exemplos deste género de ficção:

---

<sup>46</sup> Sontag, Susan. “Against Interpretation and Other Essays.” 1961.

<sup>47</sup> Towlson, Jon, and Jon Towlson. “Susan Sontag and the Age of the Pandemic Horror Narrative.” *PopMatters*, 11 Nov. 2021, <https://www.popmatters.com/susan-sontag-disaster-film-criticism>.



Figura 7- Filme 2012, dirigido por Roland Emmerich



Figura 8- Filme "The day after tomorrow", dirigido por Roland Emmerich

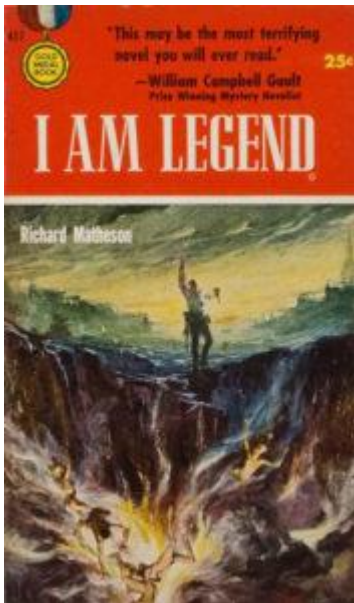


Figura 9- "I am a legend" escrito por Richard Matheson

Sontag adverte-nos para a utilização deste processo criativo como forma de introduzir este terror de forma banal num mercado de consumo, ou seja, conciliar-nos com o possível apocalipse através da sua mercantilização. Se isto faria parte de uma estratégia concertada dos mercados dos filmes de terror para aterrorizar as populações? Talvez sim, talvez não - talvez fossem também só os autores a tentar a sua própria apaziguação com o possível inconsciente coletivo.

A percepção do fim do mundo já expressa pelos milenaristas e pelos defensores da teoria do colapso, reiterada pelo imaginário do desastre, leva-nos ao paradoxo de que, apesar de ter sido uma teoria desaprovada de todas as vezes, uma vez que o mundo ainda não acabou, ela continua a ser a principal convicção de muitas pessoas, comunidades e religiões. A questão entre o que é um perigo *real* ou um perigo percebido é uma dimensão importante deste questionamento. Através de Jean Baudrillard e da teoria expressa no livro

*Simulacro e Simulação*<sup>48</sup>, onde aborda diversas questões sobre a relação dos signos com a contemporaneidade, podemos pensar em como esta distinção serve para confundir as duas categorias. O autor reclama que, na experiência pós-moderna, a sociedade substituiu toda a experiência real por uma simulação e que os simulacros não escondem nem medeiam a realidade, mas antes reclamam que esta é irrelevante.

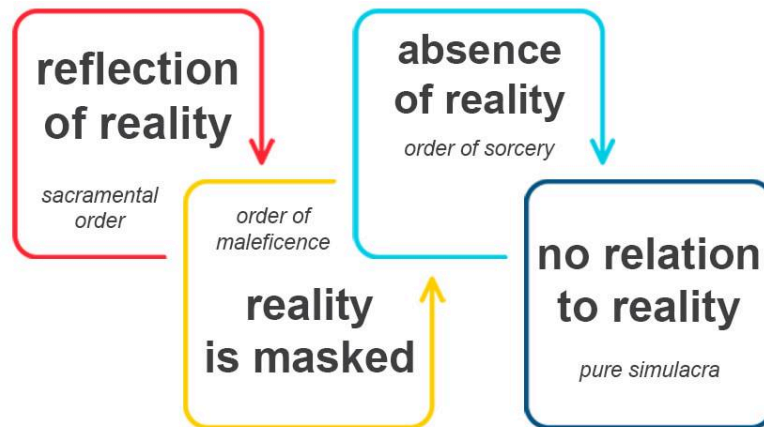


Figura 10- A ordem da natureza dos simulacros em Baudrillard<sup>49</sup>

O autor também explica que a experiência da simulação é indistinguível da *realidade* (a teoria sobre a hiper realidade). Por exemplo, se eu simular um assalto a um banco, a experiência pode provocar um verdadeiro ataque de coração a alguém, confundindo a nossa relação com a própria experiência cujas premissas enunciaremos. Um fenômeno não tem de existir para provocar os seus impactos. Portanto, assumindo que o terror do fim do mundo como sincero na sua expressão (independentemente de ser verificado por evidências comprováveis ou não) e que a nossa experiência da ideia do fim do mundo é mediada pelos simulacros do mesmo (filmes de horror referenciados pela Susan Sontag), parece-me evidente que replicar estes imaginários é menos uma expressão real do que uma inevitabilidade da nossa contemporaneidade.

Também nos leva a pensar sobre um dos modos mais antigos de contar histórias: a profecia. Pode o ato de contar a mesma história sobre o futuro repetidamente levar à sua concretização?

## 2.4 A promoção política do catastrofismo

<sup>48</sup> Baudrillard, Jean, 1929-2007. *Simulacra and Simulation*. Ann Arbor :University of Michigan Press, 1994.

<sup>49</sup>Media Studies. “A Guide to Jean Baudrillard’s *Simulacra and Simulation*.” *Media Studies*, 1 Apr. 2023, [media-studies.com/ baudrillard/](https://media-studies.com/ baudrillard/).

O catastrofismo ou declinismo como um instrumento político não é recente. Tem sido diversas vezes utilizado porque esse instrumento pode modificar a nossa percepção de risco e pode mesmo afetar as nossas preferências políticas. O declinismo é um movimento político originário nos anos 1880 e 1890 em França denominado “*Fin de siècle*”. Enquanto as classes altas europeias se rendiam à decadência, outros olhavam para estas tendências como degeneração social, requerendo uma solução total. A utilização da teoria da degeneração da moral refere-se a uma teoria que sustentava que, embora as sociedades possam progredir, elas também podem permanecer estáticas ou mesmo regredindo se forem influenciadas por um ambiente decadente, como condições nacionais ou influências culturais externas. Essa degeneração foi descrita como sendo passada de geração em geração, resultando em imbecilidade e senilidade devido à influência hereditária. *A Degeneração* de Max Nordau sustentava que os dois traços dominantes daqueles degenerados numa sociedade envolvem a mania do ego e o misticismo. O foco na psicofisiologia, agora psicologia, era uma grande parte da sociedade *fin de siècle*.

*Algernon: Espero que amanhã seja um bom dia, Lane.*

*Lane: Nunca é, senhor.*

*Algernon: Lane, você é um pessimista perfeito.*

*Lane: Eu faço o meu melhor para dar satisfação, senhor.<sup>50</sup>*

A citação, roubada a Oscar Wilde na obra *A importância de ser Ernesto*, refere-se à onda de pessimismo que varria na altura a Europa. O pessimismo, o tédio e o cinismo tornaram-se populares e o medo de novas tecnologias, como o telégrafo e o telefone, reforçou esse sentimento. As ideias e preocupações do *fin de siècle* influenciaram as décadas seguintes e desempenharam um papel importante no nascimento do simbolismo e do modernismo.

Os temas da cultura política *fin de siècle* foram muito controversos e foram citados como uma grande influência sobre o fascismo, bem como o nascimento do movimento alemão *lebensraum* no início do século XX. O *Lebensraum* tornou-se um objetivo geopolítico da Alemanha Imperial na Primeira Guerra Mundial cujo objetivo final era expandir o território até estabelecer um Grande Reich Alemão. Durante este período, a eugenia começou a assumir um lugar mais preponderante no pensamento social, juntamente com a filosofia do darwinismo social. O *Lebensraum* foi uma das principais motivações da Alemanha nazi para iniciar a Segunda Guerra Mundial, política que se manteve até ao final do conflito.

A ideia de catástrofe iminente também tem sido empregada no fervor nacionalista em torno de campanhas como *Make America Great Again*: a noção de uma deturpação da nação para uma elite decadente e cerebralmente incapaz de caminhar em direção à prosperidade. Esta inserção de uma “*grande ameaça*” no debate político é importante porque altera a percepção de risco, facilitando o apoio a propostas que saíam da ordem do convencional. Este declinismo não nos ajuda a preparar o futuro, prejudicando a nossa capacidade de prever o que vai acontecer.

---

<sup>50</sup> Wilde, Oscar. *The Importance of Being Earnest*. Dover Publications, 1990.

É possível afirmar que o catastrofismo é outra face do negacionismo climática. Se, por um lado, a primeira vive da negação das evidências materiais e ambientais para prosseguir a competição económica à escala global, a segunda promove uma apatia e desesperança generalizada que, para a maioria das pessoas, se torna numa justificação para a inação. Nas palavras de Margaret Thatcher, uma das mais influentes neoliberais, “*there is no alternative*”.<sup>51</sup> Por outro lado, também há outro perigo de nos rendermos aos discursos catastrofistas: ficarmos vulneráveis a quem nos queira manipular para aumentar os seus dividendos políticos. Esse é o campo do autoritarismo que se aproveita das nossas (justificadas) sensibilidades.

---

<sup>51</sup> ‘*There Is No Alternative*’: Margaret Thatcher and Tony Blair | *Rational Choice and British Politics: An Analysis of Rhetoric and Manipulation from Peel to Blair* | Oxford Academic, [academic.oup.com/book/41726/chapter-abstract/354099349?redirectedFrom=fulltext](https://academic.oup.com/book/41726/chapter-abstract/354099349?redirectedFrom=fulltext). Accessed 2 Jan. 2025.

### 3. A CATÁSTROFE ECOLÓGICA NAS ARTES PERFORMATIVAS: ALGUNS EXEMPLOS NA EUROPA

#### 3.1 Políticas culturais europeias em torno da sustentabilidade

No ecossistema das instituições europeias, o setor cultural e criativo surgiu rapidamente integrado no apoio do Pacto Ecológico Europeu. Essa estratégia centrou-se na promoção da consciencialização climática, mas também na promoção da sustentabilidade de todas as fases do processo de criação cultural. O sector cultural, segundo a Culture Action Europe, acredita que a cultura deve ter um papel importante no combate às alterações climáticas e à degradação ambiental, de modo a alcançar o desenvolvimento sustentável tal como se encontra definido na Agenda 21 para a Cultura. Esta agenda, aprovada em maio de 2004 por governos locais e cidades, ambicionava ajudar estas entidades a criar uma base para o desenvolvimento cultural.<sup>52</sup>

As prioridades definidas pela Comissão Europeia para 2019-2024 foram centradas na elaboração de políticas no domínio da cultura a nível da UE e para os temas-chave da cooperação cultural europeia. Na sequência da Agenda Europeia para a Cultura de 2007, a Comissão adotou a nova Agenda Europeia para a Cultura em 2018, a fim de ter em conta a evolução do setor cultural. Esta nova Agenda é composta por três áreas estratégicas, com objetivos específicos que correspondem às dimensões social, económica e externa. Na dimensão externa encontra-se o compromisso com o objetivo de “*apoiar a cultura como motor de um desenvolvimento social e económico sustentável*”<sup>53</sup>.

Além desta nova agenda para a cultura, os Estados-Membros também definem as suas prioridades para a elaboração de políticas culturais a nível da UE em planos de trabalho plurianuais adotados sob a forma de conclusões pelo Conselho da UE. O plano atual dá continuidade às ações da União Europeia realizadas até à data no domínio do património cultural, incluindo os objetivos de “*proteção contra as alterações climáticas*”, “*catástrofes naturais e de origem humana e tráfico*” e “*as transições ecológica e digital dos setores*”. Existem várias iniciativas que promovem a transição no setor cultural. Uma delas é o relatório “*Greening the Creative Europe Programme*”<sup>54</sup> que apresenta uma panorâmica da forma como o setor criativo e cultural pode contribuir para os esforços da Comissão Europeia no sentido de integrar as ações climáticas através do Programa Europa Criativa. Outro é o “*Good environmental practices guide for Creative Europe Programme*”<sup>55</sup> que, por sua vez,

---

<sup>52</sup> “Home.” *Culture 21 | Agenda 21 for Culture*, agenda21culture.net/home. Accessed 4 Sept. 2024.

<sup>53</sup> “Strategic Framework for the EU’s Cultural Policy.” *Culture and Creativity*, culture.ec.europa.eu/policies/strategic-framework-for-the-eus-cultural-policy. Accessed 4 Sept. 2024.

<sup>54</sup> European Commission: Directorate-General for Education, Youth, Sport and Culture, Kruger, T., Mohamedaly, A., Muller, V., Rodriguez, A., Feifs, T., & Buiscool, B. (2023). *Greening the Creative Europe Programme : final report*, (T.Kruger, editor, A. Mohamedaly, editor, V. Muller, editor, A. Rodriguez, editor, T. Feifs, editor, B. Buiscool, edito) Publications Office of the European Union. <https://data.europa.eu/doi/10.2766/625636>

<sup>55</sup> European Commission: Directorate-General for Education, Youth, Sport and Culture, Rodriguez, A., & Feifs, T. (2023). *Greening of the Creative Europe Programme : good environmental practices guide for Creative*

tem por objetivo fornecer uma panorâmica geral das boas práticas ambientais existentes que os beneficiários atuais e potenciais do Programa Creative podem ter em conta ao candidatarem-se e/ou executarem os seus projetos. É importante pensar que a capacidade de implementar estas transformações de fundo pode ser diferenciada na Europa, verificando-se uma maior dificuldade nos contextos onde os financiamentos culturais são mais escassos.

Algumas organizações também têm apelado a este caminho, como é o exemplo da Fundação Cultural Europeia, a Cultura Europa e a Europa Nostra (também na sua qualidade de coordenadora da Aliança Cultural Europeia) que propuseram conjuntamente o Acordo Cultural para a Europa. Esta estratégia global visa colocar a cultura no centro do projeto europeu e a liderá-la em todos os domínios políticos, desde a transição verde para a ambição geopolítica da Europa e da mudança digital para uma União orientada para o valor. Algumas das exigências deste programa são: garantir e aumentar o financiamento do programa Europa Criativa para 2% do orçamento da UE; incluir e reforçar uma componente cultural noutros programas e mecanismos de financiamento da UE, como os fundos da política de coesão, o Horizonte Europa, a política de alargamento e de vizinhança da UE e os instrumentos de pré-adesão, o Instrumento de Cooperação para o Desenvolvimento e Internacional (IVCDI) e o Erasmus+; garantir um acesso fácil a experiências culturais diversificadas através de uma Cidadania Cultural Europeia.<sup>56</sup>

Também em Portugal, um país membro da União Europeia, se verifica esta tendência nos financiamentos públicos artísticos. No preâmbulo do Decreto-Lei nº47/2021, de 11 de junho, que altera o regime de atribuição de apoios financeiros do Estado às artes visuais e performativas, é possível ler o seguinte:

*“O XXII Governo Constitucional comprometeu-se a promover políticas de sustentabilidade, investimento, inovação, igualdade de género e maior representação e participação étnico-raciais, preservação ambiental e mitigação dos efeitos das alterações climáticas, e inclusão e coesão sociais e territoriais, pelo que, para o concretizar, deve, nomeadamente, organizar, tornar estruturado e sustentável o investimento do Estado para o desenvolvimento das artes. (...)”*

Este compromisso é assumido pela DGArtes que visa promover esta linha de financiamentos, tendo desse modo o objetivo de promover as questões da sustentabilidade, da preservação ambiental e mitigação dos efeitos das alterações climáticas.<sup>57</sup>

### 3.2 Espetáculos teatrais europeus com foco na questão ecológica

Refletir sobre a importância ou o valor de fazer teatro num mundo com desafios tão enormes e eminentes tem motivado parte da minha reflexão. Entendo, pessoalmente, que os tempos exigem de nós coragem. Não consigo que a minha produção artística esteja

---

*Europe Programme*, (A.Rodriguez, editor, T.Feifs, edito) Publications Office of the European Union. <https://data.europa.eu/doi/10.2766/036350>

<sup>56</sup> Ashley. “Cultural Deal for Europe.” *European Cultural Foundation*, 15 July 2024, [culturalfoundation.eu/stories/cultural-deal-for-europe/](https://culturalfoundation.eu/stories/cultural-deal-for-europe/).

<sup>57</sup> *DGARTES*, [www.dgartes.gov.pt/pt/sustentabilidade\\_nas\\_artes](https://www.dgartes.gov.pt/pt/sustentabilidade_nas_artes). Accessed 4 Sept. 2024.

completamente alheada do mundo que a rodeia. Por isso mesmo, a minha aproximação a este tema tem sido tanto académica quanto performática.

Em 2024 fiz parte da produção de uma peça denominada *Urgência Climática* da companhia Hotel Europa. O trabalho acompanha a panóplia de peças de teatro documental, o género da companhia que tem como objetivo rejeitar a ficção, colocando em cena a realidade, e assume a sua função política ao fazer um teatro que seja capaz de mudar as pessoas. Esta peça de teatro documental, encenada por André Amálio e Tereza Havlichkova, conta com intérpretes que, na sua maioria, têm uma relação com o ativismo climático ou animal. O processo partiu também da pesquisa feita pelos encenadores durante um ano. Muita dessa pesquisa foi em formato de entrevistas, que vimos durante o processo de ensaios, de modo a partilhar a maior pluralidade de experiências possíveis. Foram entrevistados ativistas dos países co-produtores do festival de Portugal, Itália e República Checa. Durante os ensaios partimos das nossas memórias, histórias para compor cenas, entre as quais as experiências de abusos policiais, da organização de ações, entre outras. O próprio espetáculo contou com a participação de uma ativista da região onde foi primeiramente apresentada (Aljezur).

Serviu como um modo de aproximar o público dos motivos (muitas vezes incompreendidos) das pessoas que fazem da luta pelo futuro o seu dia a dia. Também nos permitiu refletir sobre as nossas (muitas) incoerências políticas ao receber as reações do público.



Figura 11- Cartaz do espetáculo “Urgência Climática”



Figura 12- Cartaz do festival Alecrim (Fonte: ProjetoAlecrim.pt)

Também já fiz parte da organização de outros tipos de iniciativas, de modo a tocar o tema da ecologia através do que nos é mais emocional - a cultura. Aquando da realização deste relatório, estava a concretizar uma iniciativa que surgiu de uma colaboração entre um coletivo que fundei, Alecrim, e a Câmara Municipal de Lisboa, através da Casa do Jardim da Estrela. Propomos quatro dias no jardim com uma programação que contempla debates, concertos, espetáculos e workshops com vista à promoção da discussão sobre a transição social e climática.<sup>58</sup> Esta primeira edição contou com stand up comedy de Carlos Pereira, intervenções musicais de Luca Argel, Catarina Branco, do coletivo La Barca, mas também com intervenções de Aline Flor (Público Azul), Catarina Carvalho (Mensagem de Lisboa), entre muitos outros. Esta iniciativa foi inspirada noutras como o festival “*We love green*”, em Paris, até ao “*Ecoperformance*” da organização Wolfgang no Brasil ou o “*Climate Change Theater Action*” nos Estados Unidos.

A criação deste coletivo surgiu, para mim, de uma importante indagação: se precisamos de construir novos sistemas de coletivo como o podemos fazer se as populações detestarem cada vez mais os protagonistas destas lutas? Como se pode falar, discutir e construir o futuro enquanto o mundo se torna cada vez mais hostil ao debate? O que se pode fazer, taticamente, para repopularizar a ideia de esperança e de possibilidade de transformação das nossas vidas?

São múltiplos os eventos que fui descobrindo enquanto elaborava este relatório. Alguns inovam mesmo o modo de pensar o teatro e a circulação de objetos de artes performativas. Nomeiam-se aqui alguns desses exemplos que me cativaram mais a atenção:

<sup>58</sup> “Programa.” *Alecrim*, [projetoalecrim.pt/festival-alecrim/programa/](http://projetoalecrim.pt/festival-alecrim/programa/). Accessed 4 Sept. 2024.

- “*A minha morte [EPISÓDIOS DA VIDA SELVAGEM]*” de MICKAËL de Oliveira<sup>59</sup> (2022), espetáculo português

- “*Climax*”, espetáculo francês<sup>60</sup>

- “*Uno spettacolo per chi vive in tempi di estinzione*” de Miranda Rose, Teatro Piccolo (Itália)<sup>61</sup>

- “*Dancing, from AIDS to the climate crisis*” de Jérôme Bel, Teatro Piccolo (Itália)<sup>62</sup>

- Festival “*We love Green*”, Paris<sup>63</sup>

Este festival, no qual tive a sorte de poder ter estado presencialmente, é um modelo interessante para o alargamento destas iniciativas ao público. Apesar disso engloba alguns géneros de greenwashing, como o financiamento de multinacionais automobilísticas.

- “*Can I live?*” de Fehinti Balogun (Reino Unido)<sup>64</sup>

Este modelo de gravação pareceu-me particularmente interessante e deixou-me desejava de contaminar a criação do “*Hotel Chronos*” com esta inspiração.



Figura 13- Imagem do espetáculo “*Can I live*” de Fehinti Balogun

Nenhum deles encapsula uma solução. São apenas propostas e criações de pessoas que estão à procura de formas de nascer, viver e morrer num mundo em tão intensa mudança.

Fica evidente que há uma emergência na busca por estruturas estéticas que correspondam à expansão de reflexões acerca das alterações sofridas pela natureza e estimuladas pela sociedade de consumo e especificamente pelo capitalismo contemporâneo.

---

<sup>59</sup> “A MINHA MORTE [EPISÓDIOS DA VIDA SELVAGEM].” *Colectivo84*, [www.colectivo-84.com/c%C3%B3pia-festa-de-15-anos](http://www.colectivo-84.com/c%C3%B3pia-festa-de-15-anos). Accessed 4 Sept. 2024.

<sup>60</sup> “Climax.” *Ciezygomatic*, [www.compagniezygomatic.com/climax](http://www.compagniezygomatic.com/climax). Accessed 12 Sept. 2024.

<sup>61</sup> “Uno Spettacolo per Chi Vive in Tempi Di Estinzione.” *Uno Spettacolo per Chi Vive in Tempi Di Estinzione - Piccolo Teatro*, [www.piccoloteatro.org/en/2021-2022/uno-spettacolo-per-chi-vive-in-tempi-di-estinzione](http://www.piccoloteatro.org/en/2021-2022/uno-spettacolo-per-chi-vive-in-tempi-di-estinzione). Accessed 12 Sept. 2024.

<sup>62</sup> “Jérôme Bel.” *Jérôme Bel - Piccolo Teatro*, [www.piccoloteatro.org/en/2023-2024/jerome-bel](http://www.piccoloteatro.org/en/2023-2024/jerome-bel). Accessed 12 Sept. 2024.

<sup>63</sup> “Festival We Love Green.” *WE LOVE GREEN 2025*, 5 Sept. 2024, [www.welovegreen.fr/](http://www.welovegreen.fr/).

<sup>64</sup> “Can I Live?” *Complicité*, 9 Sept. 2024, [www.complicite.org/work/can-i-live/](http://www.complicite.org/work/can-i-live/).

## 4. Hotel Chronos

### 4.1 O projeto

A profecia climática está (ou parece) estar desenhada. A isto acrescenta-se o que assinalou Fredric Jameson (citado por Slavoj Žižek em *Um Mapa da Ideologia*). Poucos consideram ainda seriamente as possíveis alternativas ao capitalismo. A imaginação popular parece ser determinada pelas visões do futuro ‘colapso da natureza’ da eliminação de toda a vida sobre a Terra. Parece mais fácil imaginar o ‘fim do mundo’ que uma mudança muito mais modesta no modo de produção, como se fosse real que o capitalismo liberal de alguma maneira sobreviverá, mesmo na eventualidade de uma catástrofe ecológica global. E mais: pela realidade da possibilidade do fim das sociedades como as conhecemos, cresce a ideia de que o mundo vai terminar. Razoavelmente e com motivos, dirão as pessoas confrontadas com a magnitude do problema que enfrentamos e com o pouco tempo para a sua resolução.

Como é que as pessoas imaginam o fim do mundo e como é que esse imaginário é tão roubado de outros campos - do religioso, por exemplo? Partimos para este espetáculo com a impressão de que o sentimento que temos sobre este evento (ainda que desta vez motivado por um fenómeno mais global do que os que o terão antecedido) não é, de todo, inédito na história da Humanidade. Os milenarismos, tanto seculares como religiosos, conseguiram instituir um calendário apocalíptico motivado pelo desejo da vinda do fim e da salvação. Várias civilizações e impérios colapsaram ao longo da História - o Império Romano, a União Soviética, a civilização dos Maias... E mesmo que não se tratasse do fim do mundo, a uma escala interpessoal teria sido essa a sensação. Será assim tão distinta da experiência que temos, quando evidenciada pela experiência real? Esta é a premissa teórica que serve de inspiração para o projeto criativo *Hotel Chronos*.

Partimos também para esta descoberta através da pesquisa de posturas divergentes relativamente à natureza do tempo ansioso que nos aflige: o desejo de que o mundo acabe por fim (e com ele todos os problemas) e o desejo obsessivo de o salvar. O ponto de partida foi a ideia de repetição e de loop através do movimento, voz e texto e da visualização do contraste do vazio e do over-production. Esteticamente procurou-se evidenciar esta motivação através da coreografia inspirada pelos *Tempos Modernos* de Chaplin e nas estratégias cénicas vistas em referências como *Chair-pillow dance* de Yvonne Rainer. Para a dramaturgia buscou-se entender o trabalho de Beckett e de Sinisterra sobre formas de preenchimento do vazio.

### 4.2 Dramaturgia e espetáculo

A peça é escrita em forma episódica, intercalada por jingles musicais, numa relação entre o momento presente de abandono mas a memória viva de um passado glamouroso e cheio de presença. A dramaturgia surgiu de uma coordenação de escrita entre Andreia Galvão e Bárbara Soares. As cenas foram sendo escritas de forma individual e depois adaptadas de modo a integrarem um texto comum, de modo coeso. Também foram experimentadas muitas cenas em improvisação com Dian Piter Arcaño, intérprete numa das primeiras experiências

performáticas. Para essas improvisações foram utilizadas várias técnicas, como o jogo de partir para uma improvisação a partir de palavras aleatórias.

Este texto foi selecionado para o Ciclo de Nova Dramaturgia Portuguesa de 2024, organizado pela reitoria da Universidade de Lisboa em colaboração com a companhia “O fim do Teatro” e a RADAR 97.8 FM e apresentado neste mesmo contexto. Os textos dramáticos, escritos em português, foram analisados anonimamente, durante o processo de selecção do conselho editorial do Clube dos Inéditos – Ciclo Nova Dramaturgia Portuguesa 2024, composto por Júlio Martín da Fonseca, Paula Garcia e Pedro Saavedra.<sup>65</sup>Neste contexto, o texto também foi editado na versão em livro, em conjunto com os outros textos selecionados neste ciclo de dramaturgia.



Figura 14- Versão impressa do livro “Ciclo de Nova Dramaturgia Portuguesa 2024”. Fonte: <https://www.ofimdoteatro.com/>

Esta dramaturgia pode ser encontrada no anexo do relatório.

Este espetáculo foi apresentado uma vez em modelo de ensaio aberto no Largo Residências, como parte da apresentação do processo de residência e outra vez na Escola Superior de Teatro e Cinema.



Figura 15- Ensaio no Largo Residências

---

<sup>65</sup> “Clube Dos Inéditos.” *OFDT*, [www.ofimdoteatro.com/clube-dos-ineditos](http://www.ofimdoteatro.com/clube-dos-ineditos). Accessed 8 Oct. 2024.



Figura 16- Cartaz da apresentação na Escola Superior de Teatro e Cinema



Figura 17- Apresentação na Escola Superior de Teatro e Cinema

Figura 18- Apresentação na Escola Superior de Teatro e Cinema



### 4.3 O processo

Ao longo do processo do ensaio, fui registrando diversas notas sobre o processo e considerações da prática do mesmo.

#### **Diário de bordo- Ensaio Hotel Chronos**

##### **Ensaio 1(online)- 9 de Outubro**

Começamos este ensaio a apresentarmo-nos. A Clara é uma pessoa com quem tenho trabalhado regularmente mas a Carla Madeira, a outra intérprete, era-nos desconhecida, excetuando uma chamada telefónica que tinha feito com ela há alguns dias a explicar o projeto. Apresentamo-nos e lemos o texto na sua totalidade, sem definir personagens. No final, comentamos. Tentei não tomar muito espaço nesse momento. Tendo sido o texto escrito por mim, achei que era importante serem elas a falar mais e a imaginarem-se no universo proposto no *Hotel Chronos*.

##### **Ensaio 2 (Largo Residências)- 14 de Outubro**

Chegamos ao espaço onde faremos a nossa apresentação. Uma vez que queremos trabalhar em co-criação, achámos importante tomar esse primeiro momento para nos conhecermos melhor e definirmos as “regras do jogo”. A Clara levou um ensaio chamado “What I mean when I talk about collaboration” de Deborah Stein. É um texto interessante porque fala da colaboração ou da co-criação como uma tarefa específica, tangível. Romantiza um pouco demais a co-criação (e defende um pouco a dissipação entre o trabalho e vida), mas é um contributo. Falamos sobre este texto e depois sugerimos os dois primeiros capítulos do meu relatório, porque acho importante entendermos o papel do pensamento sobre a catástrofe para a criação do universo do *Hotel Chronos*. Reforço a importância do papel da comédia. Pensamos em trazer alguns dispositivos para despertar a comédia no próximo ensaio no espaço.

##### **Ensaio 7 (Rato e Largo Residências)- 31 de Outubro**

Neste ensaio começamos por explorar de manhã a cena três do ato I e a cena mais longa do espetáculo, a do jantar. Tivemos de procurar mecanismos para simular o estado de espírito e a cumplicidade das personagens neste contexto. Ficámos pelo improvisado e acabámos por não “limpar” a cena. Uma vez que não temos muito tempo de ensaios, é desafiante encontrar o limite entre a necessidade de explorar o acontecimento e o espaço e, ao mesmo tempo, trabalhar a geometria, a precisão que um texto deste género exige.

Durante a parte da tarde refizemos algumas das cenas anteriores.

##### **Ensaio 12 (Largo Residências)- 12 de Novembro**

O tempo começa a tocar de forma mais incisiva. Percebo que tenho de trabalhar mais mecanismos sobre a importância da precisão na cena e o tom do espetáculo. A Carla tende a psicologizar mais as ações no espetáculo, eu tento demonstrar que é tudo “para fora”. A profundidade é sempre seguida de uma extrema superficialidade. Repetimos diversas vezes o primeiro coro. Insisto em registarmos o que acrescentamos e os movimentos. Sinto que algumas cenas começam a ganhar corpo. O tempo escasseia.

#### **Ensaio 14 (Largo Residências)- 25 de Novembro**

Neste ensaio estive somente com a Clara, uma vez que a Carla teve uma indisponibilidade. Começamos por aproveitar para resolver algumas questões de produção. Respondemos à designer que vai fazer o cartaz para o espetáculo. De seguida trabalhamos no último coro, a última cena do espetáculo. Propusemos a coreografia e depois trabalhei com a Clara no seu monólogo da noite de quizz. Tentámos arranjar um sentido para ajudar a ultrapassar a dificuldade da enumeração dos efeitos climáticos desencadeados pelo parar do relógio. Reparo em como o ato de encenar é muito criativo, poder criar mecanismos para desencadear efeitos.

#### **Ensaio 15 (Largo Residências)- 26 de Novembro**

Revimos o primeiro coro, trabalhamos o último coro com a Clara. Depois exploramos a segunda cena do último ato, uma que consiste essencialmente no trabalho corporal e de reação. Dou referências de mimo e trabalhamos em movimentos. Escolhemos os sons e músicas. No final, vemos a cena 13 que ficamos de continuar a trabalhar no próximo ensaio. Gravamos um vídeo da Carla para entrar na cena. Insisto na necessidade de começarmos a fazer ensaios corridos para sistematizar a ordem das cenas e o sentido do espetáculo. Trato do inventário e de criar condições para que o possamos fazer no dia seguinte.

#### **4.4. Considerações das intérpretes**

De modo a refletir sobre este processo, também pedi a uma das co-criadoras do espetáculo (Clara Passarinho) para escrever uma impressão do processo.

#### **Reflexão sobre a Experiência de Co-criação em *Hotel Chronos***

Clara Passarinho

A experiência de co-criação em *Hotel Chronos* foi enriquecedora, revelando tanto os benefícios como os desafios de construir um espetáculo de forma colaborativa. Este processo que privilegia a horizontalidade e valoriza a contribuição de todos, criando uma obra que pertence, de facto, a todas as pessoas envolvidas faz-me pensar no que é o teatro e que tipo de teatro quero fazer.

O maior destaque deste processo foi o forte sentido de pertença partilhada entre as três criadoras. Em nenhum momento *Hotel Chronos* pareceu ser o projeto de uma única pessoa, mas sim uma criação coletiva, com todas a contribuir à sua maneira para a sua construção. Este sentimento reforçou o compromisso com o objeto artístico e proporcionou um ambiente de trabalho positivo e acolhedor, onde havia espaço para a experimentação, para a troca de ideias e, sobretudo, para falhar sem receio.

Outro aspeto valioso foi a forma como as dinâmicas surgiram de forma natural, sem pressões externas ou imposições hierárquicas. Isto permitiu que o processo fosse fluido e aberto a novas possibilidades, muitas vezes reveladas durante os próprios ensaios. Este ambiente, marcado por respeito e curiosidade, foi essencial para a criação de algo genuinamente coletivo. Durante os ensaios não só ideias para a cena eram sugeridas, mas também recomendações de referências, filmes, espetáculos.

Todavia há áreas que merecem uma reflexão contínua para futuros projetos. A divisão de tarefas, por exemplo, é um ponto que pode ser aperfeiçoado. Embora todas tenham contribuído para o processo, as diferenças de disponibilidade e de níveis de proatividade resultaram numa distribuição de responsabilidades que poderia ter sido mais equilibrada. Este aspeto não prejudicou o resultado final, mas abre espaço para pensarmos em formas de planear e organizar as tarefas de maneira mais justa em projetos futuros. Talvez a criação de uma estrutura inicial mais clara ou o acompanhamento regular das funções atribuídas possam ajudar a melhorar esse equilíbrio.

Outro desafio foi garantir que todas as integrantes do elenco contribuíssem ativamente com ideias e materiais durante o processo criativo. O modelo colaborativo exige que todas as vozes estejam presentes e participem mas, quando isso não acontece, corre-se o risco de voltar a uma lógica mais tradicional, onde uma ou duas pessoas acabam por centralizar as decisões. Para evitar isso, é essencial continuar a cultivar um ambiente que encoraje e facilite a participação equitativa de todos.

Por fim, o tempo necessário para um processo de cocriação é consideravelmente maior do que num modelo tradicional com um encenador central. Isto porque criar coletivamente implica espaço para discordâncias, revisões e caos criativo, o que é natural e saudável neste contexto. É importante garantir, nos futuros projetos, que haja tempo suficiente para abraçar estas dinâmicas sem gerar insegurança ou pressões desnecessárias.

Trabalhar na criação do *Hotel Chronos* foi um verdadeiro prazer, especialmente por ter a oportunidade de colaborar com Andreia Galvão, uma atriz com quem tenho trabalhado intensamente nos últimos dois anos e que admiro pela sua dedicação à cultura e responsabilidade social. Foi igualmente inspirador conhecer e criar ao lado da Carla Madeira, que trouxe sempre uma postura generosa e disponível para integrar novas ideias.

Este processo reforçou o meu entusiasmo pela cocriação e o meu compromisso com práticas artísticas mais horizontais. Embora haja sempre espaço para ajustes e melhorias, o que fica deste projeto é a certeza de que o trabalho coletivo é uma poderosa forma de enriquecer o teatro e de promover a troca entre artistas. O *Hotel Chronos* é, sem dúvida, um exemplo de como a cocriação pode produzir algo único e verdadeiramente partilhado.

#### 4.5. Considerações do público

*HOTEL CHRONOS*, de Andreia Galvão e Bárbara Soares

Andreia Galvão, Carla Madeira e Clara Passarinho foram as três atrizes que colocaram em cena este espetáculo que (des)concerta através do poder metafórico dos atos, palavras, silêncios e do *non sense*. Um Hotel sem clientes, não cumprindo o seu propósito, contando com Dores e Esperança, duas empregadas que não descutam a limpeza do Hotel, fazendo jus ao seu brio profissional. A rotina torna-as figuras mecanizadas, robóticas. A aliteração subjacente a expressões como “põe fronha”, “tira fronha” transporta-nos para uma labuta rotineira marcada pelo ritmo do próprio relógio. O tempo

assume tal importância que parece uma terceira personagem poderosa, ainda que não possua forma física.

Neste hotel há anos que não se registam quaisquer clientes. O relógio que perde o ritmo... O relojoeiro que tudo faz para o arranjar, o relógio deste estranho hotel não pode parar. Não pode parar. Não pode parar. Marca a passagem do próprio tempo e, por conseguinte, da própria vida. O relógio surge como objeto que nos condiciona e, muitas vezes, encarcera. O tempo brinca com a vida e a vida com o mesmo. E se o relógio... parar? E os subsequentes impactos no nosso planeta? E a ansiedade climática? Em cena, são enumerados, com ritmo gradativo, exemplos de catástrofes terríveis que assolarão o nosso mundo.

Um relógio que não pode parar, um mundo que não pode acabar. Absurdo, caótico, mas que subrepticamente nos transmite importantes mensagens de alerta. A falta de consciência ecológica e as suas consequências transportam-nos irremediavelmente para o fim do mundo.

O relógio parou! Mas a vida, essa, continua, pois, afinal o fim do mundo ainda não chegou! Mas para o mantermos longe de nós há que AGIR, GRITAR, ATUAR pelo planeta e por nós.

Uma peça que entrelaça mensagens fortes que nos obrigam a refletir com traços de comicidade do princípio ao fim da peça. A não perder!”

De Elsa Mouzinho, uma das espetadoras

## CONCLUSÃO

No primeiro capítulo deste relatório, intitulado “*A crise ecológica*”, utilizo como ponto de partida uma combinação dos relatos científicos mais consistentes sobre as alterações climáticas. Pareceu-me este pertinente para assentar o projeto. Permite-me refletir sobre a grave consideração de que a ação humana é uma das principais causas para este evento, principalmente das indústrias mais poluentes e centrais para o funcionamento do capitalismo global (indústrias energéticas, petrolíferas, etc).

Analisei seguidamente os programas de políticas públicas mais pertinentes assumidos nos últimos anos. Assumindo que o combate às alterações climáticas deve ser articulado a nível internacional, combinando diversos níveis de políticas nacionais, locais e regionais, olhei para os principais sucessos e fracassos políticos. Embora avanços nos enquadramentos legais e jurídicos tenham tomado lugar, os níveis de emissões têm continuado a aumentar exponencialmente, contrariamente ao objetivo de todas as políticas públicas.

De seguida abordei a reação e resposta social ao falhanço em endereçar a crise climática. Após o debate entre ações individuais ou coletivas, tracei a genealogia do movimento climático, rejeitando uma historiografia ocidentalizada. Essa história demonstra a diversidade de experiências e pensamentos políticos, permitindo-nos olhar para as mobilizações atuais com esse olhar de legado.

Como interpretar o conhecimento do falhanço destas políticas? Para entender essa questão tentei abordar os discursos nos *media* em torno deste tópico, tanto os cada vez mais alarmistas enunciados por representantes de organizações humanistas e ambientais como os de governantes associados a agendas de negação das alterações climáticas.

No segundo capítulo deste relatório “O mundo vai acabar? A catástrofe na filosofia” comecei por falar sobre o modo como as alterações climáticas alimentam noções catastrofistas sobre a história da humanidade. Observo o modo como teóricos contemporâneos têm explorado este tema, de forma interdisciplinar, conjugando noções de história, psicologia e filosofia.

No segundo subcapítulo desta seção, explorei o papel das religiões, em particular as crenças milenaristas e millenialistas, que preveem uma transformação fundamental da sociedade. Abordei como essas crenças, tanto seculares quanto religiosas, interpretam essa mudança, seja de forma pacífica ou catastrófica. Analisei o pensamento de Henri Desroche e a importância da figura do líder carismático nesses movimentos. Além disso, discuti a rejeição da Igreja Católica às ideias milenaristas, que considera heréticas e contrárias à sua doutrina.

No terceiro subcapítulo, explorei a relação entre o imaginário apocalíptico na ficção e o catastrofismo contemporâneo. Analisei como autores como Susan Sontag e Jean Baudrillard discutem o papel da ficção científica e dos filmes de terror na normalização do desastre e na criação de um fascínio cultural pelo fim do mundo. Sontag critica a forma como esses géneros, ao abordar questões como a guerra nuclear, acabam por banalizar o apocalipse. Baudrillard, por sua vez, sugere que na era pós-moderna vivemos em uma “hiper-realidade”, onde a simulação do desastre é indistinguível da realidade.

No quarto subcapítulo, analisei o uso do catastrofismo e do declinismo como ferramentas políticas, destacando sua capacidade de influenciar a percepção de risco e moldar

preferências políticas. O declinismo, originado na França do final do século XIX, expressava um pessimismo profundo em relação ao futuro, apoiado por teorias como a degeneração de Morel, que afirmava que sociedades poderiam regredir sob influências culturais decadentes. Esse pessimismo, simbolizado pela cultura *fin de siècle*, impactou movimentos políticos, como o fascismo e o *lebensraum* nazista. Modernamente, discursos como "*Make America Great Again*" utilizam essa ideia de ameaça iminente para mobilizar apoio político.

No terceiro capítulo, "A catástrofe ecológica nas artes performativas", comecei por demonstrar como o enquadramento político e financeiro das instituições europeias propicia o desenvolvimento do vetor da sustentabilidade no setor cultural. Tal é verificável na aproximação dos programas da Europa Criativa às necessidades do Pacto Ecológico Europeu e nas exigências de sustentabilidade das produções. Estes financiamentos europeus influenciam os financiamentos e as políticas culturais dos Estados-Membro. Exemplificam esta circunstância os compromissos que a DGArtes tem passado a assumir.

Em segundo lugar, demonstrei como a questão ecológica surge com cada vez mais força como questão temática a ser trabalhada artisticamente no panorama artístico europeu. Desse modo, fica evidente o modo como o alinhamento temático dos financiamentos promove fortemente um tipo de produção. Às vezes, esta lógica surge de forma inversa, sendo os movimentos de base também associados à cultura a exigir que a pertinência política e social da questão climática seja assumida nas políticas financeiras da União Europeia. Questiono-me se o facto da questão climática ficar expressa nas políticas públicas não será também problemático, sobretudo ao nível do conteúdo artístico, e se se convive bem com a liberdade de expressão.

No quarto capítulo, "*Hotel Chronos*", exploro a ideia de um colapso ecológico inevitável, inspirado pela tese de que a sociedade é mais capaz de imaginar o fim do mundo do que uma mudança no sistema capitalista. No segundo subcapítulo, explano o modo como a dramaturgia (construída colaborativamente por mim e pela Bárbara Soares) é dividida em duas partes principais. Na primeira, o foco está no sentimento de fim do mundo, inspirado por eventos históricos como a queda de impérios. Esta parte reflete sobre a repetição deste medo ao longo do tempo e a forma como civilizações anteriores também enfrentaram o colapso, mesmo que apenas à sua própria escala. Na segunda parte, explora-se a dualidade entre o desejo de que o mundo acabe e o impulso para o salvar, utilizando a repetição de movimentos, vozes e texto. Esteticamente, a coreografia e a dramaturgia são inspiradas em obras como *Tempos Modernos* de Chaplin e o teatro de Beckett, representando o contraste entre o vazio e a sobreprodução.

## Bibliografia

Campos, Leonildo Silveira. “Movimentos Messiânico-Milenaristas: Modos De Transformação Do Desespero Em Esperança.” *Revista USP*, no. 108, 2016.

Catechism of the Catholic Church, paragraph 676.

European Cultural Foundation, Culture Action Europe, and Europa Nostra. “Cultural Deal for Europe.” *European Cultural Foundation*, 13 Nov. 2020, [culturalfoundation.eu/stories/cultural-deal-for-europe/](https://culturalfoundation.eu/stories/cultural-deal-for-europe/).

Baudrillard, Jean, 1929-2007. *Simulacra and Simulation*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1994.

“Clube Dos Inéditos.” *OFDT*, [www.ofimdoteatro.com/clube-dos-ineditos](http://www.ofimdoteatro.com/clube-dos-ineditos). Accessed 8 Oct. 2024.

DGARTES, [www.dgartes.gov.pt/pt/sustentabilidade\\_nas\\_artes](http://www.dgartes.gov.pt/pt/sustentabilidade_nas_artes). Accessed 4 Sept. 2024.

Durães, Mariana. “Muitas Perguntas, Poucas Respostas e Um Relógio Que Não Pára: Quando a Crise Climática Provoca Ansiedade.” *PÚBLICO*, Público, 19 Mar. 2021, [www.publico.pt/2021/03/19/p3/noticia/perguntas-respostas-relogio-nao-crise-climatica-provoca-ansiedade-1955001](https://www.publico.pt/2021/03/19/p3/noticia/perguntas-respostas-relogio-nao-crise-climatica-provoca-ansiedade-1955001).

European Commission: Directorate-General for Education, Youth, Sport and Culture, Kruger, T., Mohamedaly, A., Muller, V., Rodriguez, A., Feifs, T., & Buiskool, B. *Greening the Creative Europe Programme: Final Report*. Publications Office of the European Union, 2023. <https://data.europa.eu/doi/10.2766/625636>.

European Commission: Directorate-General for Education, Youth, Sport and Culture, Rodriguez, A., & Feifs, T. *Greening of the Creative Europe Programme: Good Environmental Practices Guide for Creative Europe Programme*. Publications Office of the European Union, 2023. <https://data.europa.eu/doi/10.2766/036350>.

Fondakowski, Leigh, et al. “Jonestown Massacre Survivors Need Their Story Told Too.” *Time*, Time, 17 Nov. 2021, <https://time.com/6120017/jonestown-massacre-survivors/>.

Gallmetzer, Reinhold, et al. “It’s Time to Start Prosecuting Climate Criminals.” *Ecosystem Marketplace*, 7 July 2017, [www.ecosystemmarketplace.com/articles/its-tim/](http://www.ecosystemmarketplace.com/articles/its-tim/).

Gardner, G. T., & Stern, P. C. “The Short List: The Most Effective Actions U.S. Households Can Take to Curb Climate Change.” *Environment: Science and Policy for Sustainable Development*, vol. 50, no. 5, 2008, pp. 12–25. <https://doi.org/10.3200/ENVT.50.5.12-25>.

Goldstein, Joelle, and Eileen Finan. “Meet Jerome Foster II, Teen Climate Hero and Greta Thunberg’s Friend: Saving the Planet Is ‘Up to Us.’” *Peplemag*, PEOPLE, 14 Apr. 2021, [people.com/human-interest/jerome-foster-ii-teen-climate-hero-saving-the-planet-earth-day/](https://people.com/human-interest/jerome-foster-ii-teen-climate-hero-saving-the-planet-earth-day/).

Hanazaki, Natalia. “Resenha de 'Colapso: Como as Sociedades Escolhem o Sucesso ou o Fracasso' de Jared Diamond.” *Ambiente & Sociedade*, vol. 9, no. 2, 2006, pp. 199-201. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2006000200010>.

Kamarck, Elaine, et al. “Taking Power as Individuals (and Why Individual Climate Action Can’t Save Us).” *Brookings*, 21 Feb. 2024, [www.brookings.edu/articles/taking-power-as-individuals-and-why-individual-climate-action-cant-save-us/](https://www.brookings.edu/articles/taking-power-as-individuals-and-why-individual-climate-action-cant-save-us/).

MAT, Mahmut. “Uniformitarismo 'Ciência Geológica.’” *Geology Science*, 16 Apr. 2023, [pt.geologyscience.com/geologia/uniformitarismo/](https://pt.geologyscience.com/geologia/uniformitarismo/).

Media, Juice, et al. “Humanity Will Not Be Saved by Promises.” *theAnalysis.News*, 20 Apr. 2022, [theanalysis.news/humanity-will-not-be-saved-by-promises/](https://theanalysis.news/humanity-will-not-be-saved-by-promises/).

Pereira, Joana Castro. *A Resposta Europeia à Crise Climática (1990-2020): Do Acordo Para a Estabilização de Emissões de GEE Ao Pacto Ecológico Europeu*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2022, [https://gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2022/02/07\\_FCG\\_CATARINALEAL\\_RecursosHidricos\\_ForesightPortugal2030\\_WEB\\_01as.pdf](https://gulbenkian.pt/wp-content/uploads/2022/02/07_FCG_CATARINALEAL_RecursosHidricos_ForesightPortugal2030_WEB_01as.pdf). Acesso em 6 de agosto de 2024.

Roach, John. "The Lost City of Mohenjo Daro." *National Geographic*, 9 de outubro de 2009, <https://www.nationalgeographic.com/history/article/mohenjo-daro>.

Shkolnikov, V., McKee, M., & Leon, D. A. "Changes in Life Expectancy in Russia in the Mid-1990s." *The Lancet*, vol. 357, n° 9260, 2001, pp. 917–921. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(00\)04212-4](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(00)04212-4).

Smith, Nicholas, & Leiserowitz, Anthony. "The Role of Emotion in Global Warming Policy Support and Opposition." *Risk Analysis: An Official Publication of the Society for Risk Analysis*, vol. 34, 2013, <https://doi.org/10.1111/risa.12140>.

Sontag, Susan. *Against Interpretation and Other Essays*. Farrar, Straus and Giroux, 1966.

"The Foundation of Modern Geology." *University of Illinois at Urbana-Champaign*, <https://publish.illinois.edu/foundationofmoderngeology/catastrophism/>. Acesso em 12 de setembro de 2024.

Vitte, Antonio Carlos. "A Preservação da Paisagem e a Conservação da Natureza no III Reich." *Confins. Revue Franco-Brésilienne de Géographie / Revista Franco-Brasileira de Geografia*, n° 32, 8 de setembro de 2017, <https://journals.openedition.org/confins/12287?lang=pt>.

Weyler, Rex. "A Brief History of Environmentalism." *Greenpeace International*, 5 de janeiro de 2018, <https://www.greenpeace.org/international/story/11658/a-brief-history-of-environmentalism/>. Acesso em 2 de setembro de 2024.

Wilde, Oscar. *The Importance of Being Earnest*. Dover Publications, 1990.

"A MINHA MORTE [EPISÓDIOS DA VIDA SELVAGEM]." Colectivo84, [www.colectivo-84.com/c/%C3%B3pia-festa-de-15-anos](http://www.colectivo-84.com/c/%C3%B3pia-festa-de-15-anos). Accessed 4 Sept. 2024.

"A Transição Injusta Na União Europeia." Ebulicao, [ebulicao.pt/?p=64](http://ebulicao.pt/?p=64). Accessed 12 Aug. 2024.

"All about Climate." Education, [education.nationalgeographic.org/resource/all-about-climate/](http://education.nationalgeographic.org/resource/all-about-climate/). Accessed 5 Aug. 2024.

"Can I Live?" Complicité, 9 Sept. 2024, [www.complicite.org/work/can-i-live/](http://www.complicite.org/work/can-i-live/).

"Climate Change 2022: Impacts, Adaptation and Vulnerability." IPCC Intergovernmental Panel on Climate Change, <https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg2/>.

"Climax." Ciezygomatic, [www.compagniezygomatic.com/climax](http://www.compagniezygomatic.com/climax). Accessed 12 Sept. 2024.

"Festival We Love Green." WE LOVE GREEN 2025, 5 Sept. 2024, [www.welovegreen.fr/](http://www.welovegreen.fr/).

"Fridays for Future Is an International Climate Movement Active in Most Countries and Our Website Offers Information on Who We Are and What You Can Do." Fridays For Future, 5 Aug. 2023, [fridaysforfuture.org/](http://fridaysforfuture.org/).

"Home." Culture 21 | Agenda 21 for Culture, [agenda21culture.net/home](http://agenda21culture.net/home). Accessed 4 Sept. 2024.

"Jérôme Bel." Jérôme Bel - Piccolo Teatro, [www.piccoloteatro.org/en/2023-2024/jerome-bel](http://www.piccoloteatro.org/en/2023-2024/jerome-bel). Accessed 12 Sept. 2024.

"Pope Francis: 'Path to Climate Resilience Impeded by Short-Term Greed.'" Vatican News, 16 May 2024, [www.vaticannews.va/en/pope/news/2024-05/pope-francis-sciences-academies-climate-resilience-audience.html](http://www.vaticannews.va/en/pope/news/2024-05/pope-francis-sciences-academies-climate-resilience-audience.html).

"Programa." Alecrim, [projetoalecrim.pt/festival-alecrim/programa/](http://projetoalecrim.pt/festival-alecrim/programa/). Accessed 4 Sept. 2024.

“Right-Wing Populists’ Denial of Climate Change | DW News.” *YouTube*, DW News, 2019, [www.youtube.com/watch?v=1-XmptH1z4c](https://www.youtube.com/watch?v=1-XmptH1z4c).

“Strategic Framework for the EU’s Cultural Policy.” *Culture and Creativity*, [culture.ec.europa.eu/policies/strategic-framework-for-the-eus-cultural-policy](https://culture.ec.europa.eu/policies/strategic-framework-for-the-eus-cultural-policy). Accessed 4 Sept. 2024.

“Uno Spettacolo per Chi Vive in Tempi Di Estinzione.” *Piccolo Teatro*, [www.piccoloteatro.org/en/2021-2022/uno-spettacolo-per-chi-vive-in-tempi-di-estinzione](https://www.piccoloteatro.org/en/2021-2022/uno-spettacolo-per-chi-vive-in-tempi-di-estinzione). Accessed 12 Sept. 2024.

“What Is Ecocide and Which Countries Recognize It in Law?” *World Economic Forum*, [www.weforum.org/agenda/2021/08/ecocide-environmental-harm-international-crime/](https://www.weforum.org/agenda/2021/08/ecocide-environmental-harm-international-crime/). Accessed 13 Aug. 2024.

“Why We Rebel.” *Extinction Rebellion*, [rebellion.global/why-rebel/](https://rebellion.global/why-rebel/). Accessed 2 Sept. 2024.

“Acordo de Paris Sobre o Clima.” *Nações Unidas no Brasil*, [brasil.un.org/pt-br/88191-acordo-de-paris-sobre-o-clima](https://brasil.un.org/pt-br/88191-acordo-de-paris-sobre-o-clima). Accessed 30 Aug. 2024.

Gardner, G. T., & Stern, P. C. “The Short List: The Most Effective Actions U.S. Households Can Take to Curb Climate Change.” *Environment: Science and Policy for Sustainable Development*, vol. 50, no. 5, 2008, pp. 12–25. <https://doi.org/10.3200/ENV.50.5.12-25>.

“Global Warming of 1.5°C.” *Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC)*, [www.ipcc.ch/sr15/](https://www.ipcc.ch/sr15/). Accessed 7 Aug. 2024.

Joaquim de Fiore. *Os Sete Selos. De Septem Sigillis*, tradução, introdução e notas de Alfredo Gatto, Col. Imago Mundi, 14, Ed. Afrontamento, Porto, 2015.

Kamarek, Elaine, et al. “Taking Power as Individuals (and Why Individual Climate Action Can’t Save Us).” *Brookings*, 21 Feb. 2024, [www.brookings.edu/articles/taking-power-as-individuals-and-why-individual-climate-action-cant-save-us/](https://www.brookings.edu/articles/taking-power-as-individuals-and-why-individual-climate-action-cant-save-us/).

Mandaroux, Rahel, et al. “How to Reinforce the Effectiveness of the EU Emissions Trading System in Stimulating Low-Carbon Technological Change? Taking Stock and Future Directions.” *Energy Policy*, vol. 175, 2023, 113497. <https://doi.org/10.1016/j.enpol.2023.113497>. Accessed 28 Aug. 2024.

“A Guide to Jean Baudrillard’s Simulacra and Simulation.” *Media Studies*, 1 Apr. 2023, [media-studies.com/ baudrillard/](https://media-studies.com/ baudrillard/).

“Mercado de Carbono: O Que É e Como Funciona?” *Saldo Positivo*, Caixa Geral de Depósitos, [www.cgd.pt/Site/Saldo-Positivo/Sustentabilidade/Pages/mercado-de-carbono.aspx](https://www.cgd.pt/Site/Saldo-Positivo/Sustentabilidade/Pages/mercado-de-carbono.aspx). Accessed 12 Aug. 2024.

Roach, John. “The Lost City of Mohenjo Daro.” *National Geographic*, 9 Oct. 2009, [www.nationalgeographic.com/history/article/mohenjo-daro](https://www.nationalgeographic.com/history/article/mohenjo-daro).

Silva, Roniel Sampaio. “A Carta Do Cacique Seattle 1855.” *Café Com Sociologia*, 29 July 2020, [cafecomsociologia.com/a-carta-do-cacique-seattle-1855/](https://cafecomsociologia.com/a-carta-do-cacique-seattle-1855/).

“Study: Fiscal Rules Stop New Schools and Hospitals.” *European Trade Union Confederation (ETUC)*, 8 Apr. 2024, [www.etuc.org/en/pressrelease/study-social-cost-austerity-rules](https://www.etuc.org/en/pressrelease/study-social-cost-austerity-rules).

“2020 Was One of Three Warmest Years on Record.” *World Meteorological Organization (WMO)*, 22 Mar. 2023, [public.wmo.int/en/media/news/2020-was-one-of-three-warm](https://public.wmo.int/en/media/news/2020-was-one-of-three-warm)

“Climate Change Indicators Reached Record Levels in 2023: WMO.” *World Meteorological Organization*, 18 Mar. 2024, [wmo.int/news/media-centre/climate-change-indicators-reached-record-levels-2023-wmo](https://wmo.int/news/media-centre/climate-change-indicators-reached-record-levels-2023-wmo).

**“Greenhouse Gases Continued to Increase Rapidly in 2022.”** *National Oceanic and Atmospheric Administration*, [www.noaa.gov/news-release/greenhouse-gases-continued-to-increase-rapidly-in-2022](https://www.noaa.gov/news-release/greenhouse-gases-continued-to-increase-rapidly-in-2022). Accessed 7 Aug. 2024.

**ANEXO I**

# **HOTEL CHRONOS**

**Andreia Galvão**

**Bárbara Soares**

*Há um relógio sempre em cena. Este relógio começa ao meio dia. Ao trocar de ato, o Relojoeiro volta a colocá-lo nesta hora.*

*A linguagem deste texto é principalmente episódica. O objetivo é serem cenas rápidas e leves, entrecortadas com música, o jingle do Hotel Chronos.*

## **PERSONAGENS**

Relojoeiro

Esperança

Dores

## ATO 1- APRESENTAÇÃO HOTEL CHRONOS

### CENA 1 – SLOGAN/JINGLE DO HOTEL CHRONOS

*Dança entre Esperança, Dores e Relojoeiro.*

*É a apresentação do Hotel Chronos. Voz de entrada de sala.*

Esperança: Bem-vindo ao seu...

Todos: Hotel Chronos.

Dores: Serviços de Qualidade,

um Hotel sem idade.

Relojoeiro: Dizem que é um sonho, mas é real.

Dores: Real e...

Esperança: Irreal.

*Música romântica.*

Relojoeiro: Um lugar por descobrir.

Dores: Memórias por criar.

Esperança: Venha fugir ao tempo e à rotina.

Todos: No seu Hotel Chronos.

Relojoeiro: Onde o tempo passa devagar.

Dores: Onde o tempo passa muito devagar.

Esperança: Onde o tempo passa, não passa, passa devagar.

Relojoeiro: Longe da confusão do dia-a-dia.

Dores: Longe do barulho e da arritmia.

Esperança: Dizem que é no fim do mundo.

Relojoeiro: Mas o fim é só um princípio

Relojoeiro e Esperança: Venha fugir ao tempo e à rotina no seu...

Todos: Hotel Chronos!

*Acaba o jingle. Relojoeiro sai, Esperança e Dores ficam.*

## CENA 2 – PASSAR POR CLIENTE

*Na recepção de um Hotel. Esperança chega elegantemente à mesa.*

Esperança: Boa tarde.

Dores (*distraída*): Boa tarde.

Esperança: Boa tarde.

Dores: Boa tarde.

Esperança: Boa tarde.

Dores: Boa... (*Percebendo, Dores coloca um sinal da recepção que diz “Aberto!”*)

Aaaah! Seja bem-vinda ao Hotel Chronos. Reserva?

Esperança: Sim

Dores: Em seu nome?

Esperança: Sim. Amélia.

Dores: É um prazer tê-la connosco, Senhora Dona Amélia.

Esperança: É um prazer ser recebida.

Dores: Peço já a um dos rapazes para recolher a sua bagagem. Rapazes!

*Ninguém aparece.*

Dores: Quarto duplo?

Esperança: Sim.

Dores: Posso recomendar-lhe o nosso quarto premium?

Esperança: Com banheira de hidromassagem?

Dores: Novíssima.

Esperança: E tem vista para o mar?

Dores: Claro.

Esperança: Tapetes persa?

Dores: Sim.

Esperança: Lençóis de algodão egípcio?

Dores: Obviamente.

Esperança: Sabonete turco?

Dores: Sim.

Esperança: Champô de camomila?

Dores: Não nos podia faltar.

Esperança: E cama de dossel?

Dores: Exatamente.

Esperança (*Desmancha a cena*): Errado. Não temos nenhum quarto assim.

Dores: Ai não? Temos o 712!

Esperança: Errado. O 712 não é quarto duplo. Perdeste.

Dores: O 712 tem duas camas que estão juntas e fazem um quarto duplo. Ganhei.

Esperança: Exatamente: tem duas camas que estão juntas e é um quarto *twin*. Perdeste.

Dores: Quarto *twin*? Desde quando é que temos quartos *twin*?

Esperança: Desde a última reunião de administração do Hotel.

Dores: Não, não. Na última reunião decidimos que tínhamos um brunch continental aos domingos. Ficou em ata.

Esperança: Sim, e depois dessa fizemos uma em que se distinguia quarto duplo de quarto *twin*, e quarto *premium* de suite premium.

Dores: Não fui a essa reunião.

Esperança: Pois não.

Dores: Por que é que não fui a essa reunião?

Esperança: Não quiseste.

Dores: Foi na semana passada?

Esperança: Sim.

Dores: No dia em que organizei a manifestação?

Esperança: Foi quando estavas de birra.

Dores: Estava a fazer greve.

Esperança: A fazer birra.

Dores: A exercer os meus direitos como trabalhadora.

Esperança: Não importa. Foi aprovado por unanimidade.

Dores: Isso não vale.

Esperança: Não vale por quê? Estavas a exercer os direitos como trabalhadora. A reunião era da administração. Não vieste exercer o teu direito como co-CEO, ficou aprovado por unanimidade.

Dores: Não se pode marcar uma reunião da administração no dia que está marcada uma greve. É boicote patronal.

Esperança: A reunião estava marcada antes de te lembrares de fazer greve. Quando muito, não se pode marcar uma greve em dia de reunião da administração. É boicote empresarial.

Dores: Onde é que isso está escrito?

Esperança: No book de boas práticas da administração.

Dores: Não concordo. Nunca concordei, nunca vou concordar.

Esperança: *Clockman!*

Dores: *Clockman?*

Esperança: É a pensar nos *sponsors* internacionais.

Dores: Desculpa lá! Quando muito Relojoeiro. E para além disso ele tem um nome.

Esperança: Ai tem? Qual é?

Dores: eer...

Esperança: *Clockman!*

Dores e Esperança (*Ao mesmo tempo*): Vê lá quem tem razão...

Relojoeiro: Segundo o artigo dois do Regulamento das Reuniões da Administração, alínea b) parágrafo sete – Não é permitido andar de chinelos...

Esperança: Não é esse.

Relojoeiro: Parágrafo 9 - Os lençóis a usar são de algodão egípcio no período de Verão.

Dores: Não é esse

Relojoeiro: Parágrafo 11: As greves podem ser marcadas a qualquer hora em qualquer lugar...

Dores: Ah!

Relojoeiro: Mas deverão respeitar os calendários já definidos. Tem prioridade a primeira marcação, como em qualquer salão.

*Jingle.*

### CENA 3 – CENA EM QUE UM CORO FAZ DE CORO

Todos: Somos o coro Chronos,

Esperança: Chronos *choir* para atrair sponsors internacionais.

Todos: Somos o coro

Que se faz ouvir do início ao fim dos tempos,

Dores: Devíamos já ter aparecido,

Todos: Mas quem nos escreveu embirrou que seria agora,

Relojoeiro: E só agora.

Todos: E aqui estamos

Para dar a perceber,

Afinal de contas o que é que se passa aqui.

Todos: Neste hotel no fim do mundo,

Há anos que não vem ninguém.

Esperança e Relojoeiro: Nos quartos *single*:

Dores: ninguém.

Esperança e Relojoeiro: Nos quartos duplos:

Dores: ninguém.

Esperança e Relojoeiro: Nos quartos *twins*:

Dores: ninguém.

Mas ninguém desiste!

Todos: Continuamos à espera de reservas.

Dores: Que reservas?

Esperança: Há reservas?

Dores: Não há reservas?

Todos: Neste hotel no fim do mundo,

Há um relógio que marca o tempo.

Relojoeiro: O tempo que resta.

Esperança: O tempo que nos resta.

Todos: Para o fim,

Para o fim dos tempos.

Relojoeiro: Book das regras da administração:

Parágrafo 5,

Alínea b.

O relógio chronos deverá manter-se a trabalhar,

A dar as horas,

Do início ao fim dos tempos.

Todos: Em caso de avaria,

Não há garantia

Que o mundo continue a rodar,

Que o tempo continue a passar.

Dores: Ah!

Esperança: Que podemos então fazer se o relógio entorpecer?

Relojoeiro: Pôr mais óleo.

Dores e Esperança: Isso já fazemos.

Relojoeiro: E ele continua a dar as horas?

Dores e Esperança: Sim, mas talvez não por muito tempo.

Dores: Ah!

Esperança: Que podemos então fazer?

Todos: Podemos continuar.

Podemos acreditar, manter a ordem.

Esperar que venha alguém que dê sentido a este lugar.

Dores: Ah!

Esperança: Que podemos então fazer?

Todos: Preparar para qualquer fim,

Lembrar que o fim é só o princípio.

Dores: Ah!

Esperança: Não é isso absurdo?

Todos: Sei lá! Nós somos só o coro.

O coro que vem contextualizar,

Dores e Esperança: E que vem avisar:

Relojoeiro: Tic-tac, tic-tac, tic, tic, tic.

Dores e Esperança: Este relógio está a perder o ritmo do seu andar.

## CENA 4 – RELOJOEIRO

*Esperança olha para cima, está à frente de umas escadas altas. Ouve-se a voz de alguém que “vem de cima”.*

Esperança: Então? Está tudo a funcionar?

Relojoeiro: Estar, está.

Esperança: E então?! Qual é o problema?

Relojoeiro: Minha Senhora, é um relógio velho...

Esperança: Sim, confirmo.

Relojoeiro: E é uma questão de tempo...

Esperança: Não, não. Tem sido sempre concertado. Ponha mais óleo.

Relojoeiro: É isso que estou a fazer agora...

Esperança: E ele não continua a dar as horas?

Relojoeiro: Sim. Mas não para sempre.

Esperança: Então? Como assim não para sempre?

Relojoeiro: Os relógios param.

Esperança: Os normais sim.

Relojoeiro: Pois.

Esperança: Mas isto não é um relógio normal.

Relojoeiro: Pois, isso não sei dizer, minha senhora. A mim parece-me um relógio normal.

Esperança: Pense lá nisto: esse relógio deu o nome a este hotel. Hotel Chronos, Chronos de tempo... enfim... percebe isso?

Relojoeiro: Minha senhora, é uma história muito bonita. Mas eu não falo de poesia, falo da mecânica do relógio.

Esperança: E não é possível que, desta vez, esteja enganado?

Relojoeiro: Dificilmente.

Esperança: Mas é possível?

Relojoeiro (*Já irritado*): Minha senhora, quase tudo é possível...

Esperança: Então, pronto. É possível que esteja enganado. Porque é muito importante que este relógio continue a funcionar, percebe? Muito importante.

Relojoeiro: Já não entendo nada... vou pôr-lhe mais óleo...

Esperança: É isso. Deixe-o a trabalhar.

Relojoeiro: Certo.

Esperança: Bem, com um hotel para gerir não posso passar o dia a falar consigo.

*Relojoeiro ri-se. Esperança sai de cena. Dores entra em cena. Relojoeiro, volta a estar focado no seu trabalho.*

Dores: Vá, vá lá! Temos de nos organizar. Vamos alterar a regra do book da administração. Book?! Só nomes em inglês está tudo perdido... Mas isto não podemos aceitar! Rejeitarem o nosso direito à greve?! Nem no Hotel Chronos nem em lado nenhum .... Isso era o que mais nos faltava! Que lata. Temos de fazer. Nós os dois. O que é que isso implica? Implica marcar a hora e o dia e arranjar uns slogans, uns panos, uns cartazes... um megafone para nos ouvirem bem alto... podemos cantar: Marcamos quando queremos! Pelo direito a marcar! Isto não é um salão! Algo assim desse género... com outros ritmos também senão uma pessoa faz sempre o mesmo e parece que estamos naqueles sindicatos antigos. É isso, sim. Se calhar escrevemos um manifesto também e vamos deixando aí para as pessoas saberem o que reivindicamos. O único problema que temos é isto poder parecer estúpido. Sermos tão poucos pode ficar mal, parecer que não temos força social, mas também não podemos não fazer nada.

Os atropelos começam sempre assim e de repente acordamos e estamos no fascismo. É só uma questão de se andar a dormir e ups! Na, na, na, connosco não fazem isso: não deixamos!

Podemos fazer uma lista de presenças. Tu tens de ir, sem as massas parece um problema inventado por mim... vais? Então não falas?! Lá terei eu de me sacrificar por ti de novo. Depois recibes os benefícios... Até é inteligente da tua parte. Ético não será. Já se sabe que não se pode contar contigo. Pronto, fica marcado. Larga lá o relógio! ''Tás a ouvir?

Relojoeiro: O relógio vai parar.

## CENA 5 – “PÕE FRONHA, TIRA FRONHA.”

*Relojoeiro mantém o bordão tic-tac e marca o ritmo.*

Dores e Esperança: Põe fronha, tira fronha. (x4)

Quartos prontos,

Quartos lavados,

Quartos arrumados.

Dores: Costas

Esperança: doridas.

Dores: Pés

Esperança: inchados.

Dores: Punhos

Esperança: desfeitos.

*Relojoeiro pára.*

Esperança: E porque não durmo eu?

Porque não faz silêncio na minha cabeça?

*Relojoeiro retoma tic-tac.*

Dores e Esperança: Põe fronha, tira fronha.

Põe fronha, tira fronha.

Põe fronha, tira fronha.

Põe fronha, tira fronha.

É preciso ter tudo pronto para quando vier alguém.

Põe fronha, tira fronha.

É preciso manter a ordem.

Põe fronha, tira fronha.

É preciso continuar, é preciso acreditar.

Põe fronha, tira fronha.

Tudo pronto para quando vier alguém.

*Relojoeiro para.*

Dores: E se não vier ninguém? E se nunca vier ninguém?

*Relojoeiro retoma tic-tac.*

Dores e Esperança: Põe fronha, tira fronha.

Põe fronha, tira fronha.

Põe fronha, tira fronha.

Esperança: Põe... põe... (*Mantém*)

Dores: Pôr todas as almofadas juntas,

A formar um colchão de penas,

Fofo, delicado, acolchado.

E pegar-lhe fogo.

Dores e Esperança: Põe-fogo, põe-fogo... (*Mantêm*)

Relojoeiro: E se não vier ninguém?

Que importa se não vier ninguém?

Nada vai mudar se vier alguém

*Dores e Esperança páram o “põe-fogo”.*

O mundo já parou.

O mundo já acabou.

Dores e Esperança: Só um bocadinho,

É preciso pôr a máquina a lavar.

Fechar os olhos,

É preciso aspirar o piso de cima,

Dormir.

É preciso ver as reservas. Quais reservas?

Há reservas? Não há reservas?

Descansar. só um bocadinho. dormir.

*Relojoeiro retoma tic-tac.*

Dores (*interrogativo*) Esperança (*afirmativo*): Não durmo.

Dores (*afirmativo*) Esperança (*interrogativo*): Quem não dorme não sonha.

Dores (*interrogativo*) Esperança (*afirmativo*): Quem não sonha não vive.

## CENA 6 - TREINO DO FIM DO MUNDO

*Dores e Esperança estão em cena. Começa a música “Workout Motivation”. O Relojoeiro entra com roupas do exército/camuflado.*

Relojoeiro (*Grita como um comandante do exército*): Atenção equipa Chronos! Preparar para o aquecimento!!

*Dores e Esperança colocam-se em posição de “Sentido”.*

Relojoeiro (*Fazendo polichinelos*): Vai! 1-2, 1-2, 1-2, 1-2! Esquerda, direita, baixo, cima! Descansar!

*Dores e Esperança acompanham-no no polichinelo.*

Relojoeiro (*Grita*): Preparar para a simulação de tsunamis!!!

*Dores e Esperança correm para ir buscar equipamento para casos de tsunamis.*

Relojoeiro (*Grita*): Preparar para a simulação beijo do vampiro! Vaai!

*Dores e Esperança correm para trocar de equipamento. O Relojoeiro apenas olha.*

Relojoeiro: Preparar para simulação “Guerra Santa”! Vai! (*Benze-se*)

*Dores e Esperança correm para trocar de equipamento.*

Relojoeiro: Fim do treino do fim do mundo. (*Sai*)

*Dores e Esperança congratulam-se.*

## CENA 7 – NÃO QUERO CONTINUAR

*Dores e Esperança entram no quarto. Começa a coreografia da arrumação, mas desta vez, ao contrário de todas as outras, só é feita por Esperança. Dores senta-se na cama.*

Esperança: É melhor despacharmos este quarto, porque ontem já estávamos a atrasar. Depois acumulamos trabalho e ... *(Repara em Dores que se mantém sentada quando Esperança choca com ela durante a coreografia)* Então?! *(Num tom acusatório como se mandasse Dores começar a trabalhar)*

Dores: Então?

Esperança: Então, que estás a fazer? Anda, mexe-te!

Dores: Hoje não quero.

Esperança: Tu às vezes inventas cada coisa... anda lá... Não temos tempo a perder. Já mudaste a fronha?

Dores: Não.

Esperança: Então, de que é que estás à espera?! *(Jocosa, ironiza)* Às vezes és tão Senhora de Ti própria... Cheia de morais e de frases declarativas. *(Volta ao tom normal)* Vá lá, *mademoiselle*, que temos de nos despachar.

Dores: Hoje não vou mesmo. Está imenso sol. Vou comer um gelado de morango.

Esperança: Que parvoíce.

Dores: Posso usar o meu chapéu de palha amarelo. O meu vestido de Verão. Ficarei linda.

Esperança: Tu estás completamente perturbada.

Dores: E tenho o meu bikini, posso usá-lo com as minhas sandálias. Ou melhor, descalça...

Esperança: Como é que vais andar descalça?!

Dores: Jesus andava descalço.

Esperança: Jesus! O que é que Jesus tem a ver connosco? Não nos estás a comparar com ele, pois não?

Dores: Não tenho feito senão isso a vida toda.

Esperança (*Estranha muito*): Ok...

Dores: De qualquer das maneiras, eu hoje não vou ceder.

Esperança (*Levemente irritada*): Mas que raio de história é essa? Aparecem-te macacos na cabeça assim de repente. E preocupa-me a tua saúde. Nenhuma pessoa sã vem com essa converseta do nada.

Dores: Olha, não te preocupes. Estou perfeitamente bem. Aliás, mais lúcida que nunca. Finalmente consigo ver o que está à minha frente. Não sei se sabes, mas comecei a fazer yoga.

Esperança: Ainda bem. (*Volta a chocar com Dores durante a coreografia*). Independentemente de tudo, a tua obrigação é continuar.

Dores: Não quero.

Esperança: Decidimos isto em conjunto. Isto é *à la* cooperativa. Se combinámos fazer este trabalho não podes deixar de o fazer. Isso não tem sentido, entendes?

Dores: Isto é absurdo, sabes que tenho razão. Isto não faz sentido nenhum. Todos os dias fazemos a mesma coisa, sempre pela mesma ordem: trocar toalhas, lençóis, limpar o chão, limpar as superfícies, deixar um cheiro agradável. No dia a seguir repetir. E depois outra vez e outra vez e outra vez. Porra! Estou cansada de que nada aconteça. Tu e eu sabemos que não há aqui ninguém. Há anos que não vem cá ninguém. Os lençóis são para quem? As toalhas são para quem? Para quem fica o cheiro do quarto? Estamos sempre com pressa para não chegarmos atrasadas, mas não há nada para se atrasar. Percebes? ... o tempo não passa aqui.

*Toca o Jingle divertido (“Bem-vindos ao Hotel Chronos”). A luz baixa.*

## CENA 8 – DONA AMÉLIA

*Esperança entra em cena com uma garrafa de álcool na mão. Está bêbada. Em cima da farda de trabalho traz um chapéu e um cachecol elegante com que brinca. Faz movimentos de Lindy Hop sozinha enquanto passa uma música.*

Esperança *(Faz-se passar por uma cliente)*: Querida! Traz-me um pouco mais de whisky. Meu Deus, vocês trabalham tanto. Que chato... *(Ri-se)* A vida é para nos divertirmos, queridas! Ouvir o jazz, já ouviram o jazz? ... Meu Deus, é tão divertido: é a música do futuro, dos jovens! Como eles andam na discoteca e fumam e se apaixonam enquanto ouvem jazz... E o rock! Também não conhecem?... Vocês vivem mesmo no final do mundo... Vou-vos explicar.

*(Começa a ouvir-se o “Hound dog” de Elvis Presley. Esperança finge tocar uma guitarra imaginária. Entram o Relojoeiro e Dores, que começam a dançar.)*

Saiam. Saiam que esta cena é minha!

*(Dores e Relojoeiro saem. Música pára.)*

Mais um pouco de whisky, querida.

*Esperança senta-se, bebe diretamente da sua garrafa. Fica algum tempo em silêncio. Tira o seu chapéu e cachecol como se se sentisse ridícula.*

Esperança: Estou farta de ser a Dona Amélia. Embora ela fosse imensamente divertida, plenamente fabulosa. E muito moderna, imagino, moderníssima! Ela vinha todos os anos: queria sempre o quarto com vista para o mar.

*Mostra uma imagem do quarto.*

E nos dávamos-lhe, já sabíamos que aquele quarto era reservado para ela, púnhamos tudo como a senhora gostava. Ela dava-nos sempre as melhores gorjetas, às vezes até nos levava a beber com ela. Eu corava com as histórias que ela nos contava: o harém... *(Ri-se)* E vestia-se de forma tão *chic*. Ninguém sabia isto, mas quando guardava o casaco dela cheirava-o e vestia-o. *(Simula com o cachecol)* Nunca tinha visto uma mulher a vestir-se assim, a falar assim! Era muito moderna, ela. Muito moderna.

*Silêncio. Prende o cachecol como se se tratasse de uma forca.*

Sabem o que é que a outra diria sobre mim? Que é a coisa mais triste do mundo uma criada a fingir ser uma Senhora. Diria que não tenho consciência de classe e que isto não passa de uma fantasia burguesa. Já consigo imaginar a voz dela: *(Imita)* Mas porra!... Eu só queria dançar! *(Silêncio)* Não estou a fazer sentido nenhum. Estou tão cansada, caralho.

*Simula o ato do enforcamento com o cachecol.*

Um dia, recebemos uma carta de um dos amantes da Dona Amélia a dizer que ela não viria mais, que tinha sido levada pelo grande cataclismo. Continuamos a deixar o quarto à sua espera. Nunca se sabe quando as pessoas mudam de ideias.

## CENA 9 – AS PAZES

*Esperança está sentada, Dores junta-se a ela. Ficam alguns momentos em silêncio.*

Dores: Está agradável hoje. Nem muito frio nem muito calor.

Esperança: Pois.

*Silêncio.*

Dores: Mas estão algumas nuvens no ar.

Esperança: Pois é.

*Silêncio.*

Dores: E o jantar estava muito bom. A sopa estava muito boa.

Esperança: Não estava má.

*Silêncio.*

Dores: Tranquiliza-te o som do relógio?

*Silêncio.*

Esperança: Mais ou menos.

*Silêncio. Passa o Relojoeiro.*

Dores: Gosto da tua roupa.

Esperança: É a mesma de sempre.

*Longo silêncio.*

Dores: Sabes que eu não queria dizer o que disse

*Silêncio.*

Esperança: Sei.

*Silêncio.*

Dores: E que estar aqui sem ti não seria remotamente tolerável.

*Silêncio.*

Esperança: Eu sei.

*Silêncio.*

Dores: E que, apesar de tudo, eu tenho carinho por ti. Mesmo que isto me pareça absurdo e que às vezes queira que te evapores para onde não possas voltar mais.

*Silêncio.*

Sabes que eu sei porque é que fazemos isto.

Esperança: Porque é que fazemos isto?

*Silêncio.*

Dores: Tu sabes.

Esperança: Eu sei.

Dores: Não fazia sentido fazer outra coisa...

*Silêncio.*

Dores: Gostava que entendesses ...

*Esperança corta a fala de Dores.*

Esperança: Deixa estar. Não se fala mais do assunto. Eu sei.

*Silêncio.*

## CENA 10 – JANTAR

*Esperança, o Relojoeiro e Dores estão na mesa de jantar. Parecem ligeiramente embriagados*

Dores: Estou farta de comer arroz com atum.

Relojoeiro: Ámen.

Esperança: Eu só queria um pastel de frango... Só queria....

Relojoeiro: Lembras-te daquele pastel que aquela emigrante trouxe?

Esperança: Ahhh... Não fales nisso!

Dores: Era o de crustáceo.

Esperança: Ah! O que tu ficaste com alergia!

*Risos.*

Dores: Eu passei muito mal, eu passei mal a semana toda!

Esperança: Ah! Ah! Ah! Vomitaste para cima dele!

Dores: Quando ele disse que aquilo tinha crustáceo...

Relojoeiro: Eu queria esse pastel agora.

Esperança: Ai...

Dores: Para isso preferia o atum.

Esperança: E já não há! Porquê?!

Relojoeiro: Eu comi.

Esperança: TENS DE ESPERAR O TEMPO CERTO PARA COMER!

Dores: E vinho, não há? Whisky?

Relojoeiro: Isso era no tempo da Dona Amélia.

Dores: Pensava que tinha visto aí ontem.

Esperança: Isso foi há 10 anos. Era o tempo daquele... *(Imita um homem alto, grunha)*

Dores: Aquele matulão! Ah! Ah! Ah!

Esperança: Hum! *(Imita um sotaque inglês)* Whisky, you know baby, I want some whisky...

*Riem-se.*

Relojoeiro: E ela ficou toda apaixonada!

Esperança *(Envergonhada)* : Não fiquei nada! Não fiquei nada!

Relojoeiro *(Satírico)*: Whisky? Quantos anos? Doze? Dezasseis?... Já estás toda corada de novo...

Esperança: Ai...

Dores: Quando eles falam em inglês... Ele não era um *Sir*, alguma coisa assim?

Esperança *(Com sotaque britânico)*: James Royce.

Relojoeiro: Tinha uma mecha branca.

Esperança: Tinha umas pernas!! Isso é que tinha.

*Risos.*

Relojoeiro: Mas como é que tu viste?

Dores: Eu sempre o vi de calças...

Relojoeiro: Pois. Estavas a espiar o cliente!

Esperança (*Envergonhada*): Não! Nunca!

Relojoeiro: Nunca?

Esperança: Nunca.

Relojoeiro: Pelo buraco da fechadura?

Esperança: Não. Tu já?

Relojoeiro: Não.

Esperança: Não?

*Relojoeiro hesita.*

Relojoeiro: Uma vez, uma única vez. Mas eu acho que ele nunca andou de calções. Como é que viste?

Dores: É verdade.

Relojoeiro: Esta questão precisa de ser respondida! Acho que tu precisas de partilhar isso!

*Silêncio.*

Esperança: Quinta emenda! Invoco a quinta emenda!

*Risos.*

Dores: Ainda está o espírito anglo-saxónico nela.

Relojoeiro: Pois está...

Esperança: Não falo! Está escrito que podemos dizer silêncio! Veto a fala! Veto a fala!

Relojoeiro: Só fala na presença do teu advogado.

Esperança: Exato!

Relojoeiro: Mas já não há ninguém.

*Silêncio.*

Esperança: Eu só queria um pastel de frango...

Dores: Vocês lembram-se de quando estive aqui aquele príncipe?

Esperança: Qual? O que disse que era e depois não era?

Dores: Não era?

Relojoeiro: Eu acho que era.

Dores: Que veio com os 50 funcionários...

Relojoeiro: Foi horrível, inclusive.

Dores: E nós andávamos a cozinhar à maluca. Mas na altura éramos tantos.

Esperança: Era eu, tu, a Adelaide, a Jacinta, a Cristiana

Relojoeiro: a Jurema, a Cláudia

Dores: O Djairson!

Relojoeiro: O Djairson? Esse era o brasileiro. Péssimo funcionário.

*Riem-se.*

Esperança: Meu Deus, ele tratava do jardim. Aquilo andava sempre...

Relojoeiro: A relva deste tamanho... (*Ilustra*)

Dores: E o Djairson que ninguém encontrava durante o dia.

*Risos.*

Relojoeiro: Dizem... dizem as más-línguas que ele andava atrás daquela ucraniana que trabalhava aqui, nunca sei dizer o nome dela. Ficou pouco tempo.

Esperança: Essa foi com a Dona Amélia. Ficou a trabalhar com a Dona Amélia.

Relojoeiro: Ah.

Esperança: Era para ter ido eu.

*Silêncio.*

Dores: Mas éramos imensos, não éramos?

Relojoeiro: Também a quantidade de serviço justificava, não é? Hoje em dia...

Dores: Sim, mas não era só isso... Os outros hotéis tinham sempre... Nós investimos em ter pessoal, toda a gente recebia o 13º mês. Era um trabalho com condições. As pessoas queriam ficar. Nós nem despedimos o Djairson e o Djairson não fazia nada.

Relojoeiro: O Djairson...

Esperança: Por acaso tenho saudades do Djairson.

Dores: Podíamos tê-lo despedido. Noutros sítios é o que fazem. À primeira falta e estás fora.

Relojoeiro: Pois, ele não fazia nada. E ele é que saiu.

*Risos.*

Esperança: Foi digno!

Relojoeiro (*Imita*): “Eu não gosto daqui, vou embora!”

Esperança: Foi para a Índia.

Dores: Fazer o quê?

Esperança: Pegou na mala e foi.

Dores: Para a Índia.

Relojoeiro: E pronto.

Dores: Eu gostava de ir à Índia. O que é que acham que há lá agora?

Esperança: Será que o *Taj Mahal* ainda está?

Relojoeiro: E o Djairson. Talvez.

*Risos.*

Esperança: Elefantes? Há os cemitérios dos elefantes, deve ser interessante.

Dores: Sabem do que é que eu gostava? Agora que estou a aprender aquelas cenas do yoga...

Esperança: Já aprendeste a fazer um pé de cabra?

Relojoeiro: Isso não é yoga.

Dores: A ressurreição. Se eu voltasse gostava de ser uma gaivota.

Relojoeiro: Hum.

Esperança: Hum.

Relojoeiro: E porquê?

Dores: Para voar, sair daqui, apanhar o peixe. Não estar à espera todos os dias da sopa e do atum.

Esperança: Quando chegámos aqui havia peixe.

Relojoeiro: Hum.

Dores: Olhem, o que é que nós vamos fazer se o relógio parar?

Esperança: O relógio não vai parar.

Dores: E se?

Esperança: O relógio não vai parar.

Dores: E se?

Esperança: O relógio não vai parar.

Dores: Eu não sei se vai ou não vai parar. Mas acho que é possível.

Esperança: Ai! Não sei como é que é possível viver com tanto pessimismo.

Dores: Não é pessimismo. As pessoas foram embora. O Djairson está na Índia, a outra foi com a Dona Amélia. Sabe-se lá onde andam os outros.

Esperança: E tu, vais-te embora?

Dores: Achas que eu posso ir embora?!

Esperança: Então, pronto, não vais embora! Eu posso ir embora? Não? Então, não vou! Pronto, o que é que há mais para falar?

Dores (*Em jeito de desafio*): Mas e se fôssemos? Se pegássemos nas nossas coisas agora e voássemos daqui para fora?

*Momento de tensão.*

Só gostava que pensássemos um bocadinho sobre isso.

Esperança (*Suspira*): Esta conversa outra vez...

Dores: Não te irrites. Como dizia a outra, a vida é para nos divertirmos, dançar o jazz! Já ouviram o jazz?!

Relojoeiro (*Fica sério, de repente*): Acho que também gostava de ser uma gaivota.

## CENA 11 – O RELOJOEIRO

*Ao longo desta cena o Relojoeiro abre uma mala com diversos relógios com que vai enchendo o palco.*

Relojoeiro: Tic, tac, tic, tac, tic, tac... Os relógios são obras de arte. Os relógios, com as suas minúsculas engrenagens, molas e rubis, que transferem energia de um elemento para outro numa dança tão finamente ajustada, os relógios que medem com precisão a passagem do tempo, são obras de arte. Existem vários tipos de relógios, relógios de sol, relógios de corda, relógios automáticos. Relógio digital, relógio de bolso, relógio de parede, relógio de cuco, relógio de pêndulo, relógio de pulso. Todos contam, medem, organizam o tempo. Organizam-nos no tempo. No mundo da relojoaria existem diferentes tipos de entusiastas. Aqueles que vibram apenas com o lado estético dos relógios, aqueles que têm um fraquinho especial pelo lado mais técnico e mecânico e aqueles que se deixam levar por ambas as vertentes. Há também quem aprecie uma boa história e quem valorize muito o legado de uma marca. Os relojoeiros são os joalheiros do tempo, também ouvi dizer. Pegamos nesse material precioso, às vezes raro, às vezes longo, às vezes vazio, às vezes denso e damos-lhe forma de joia. Há quem diga que são pequenas prisões, que nos domesticam. Eu gosto de pensar neles como objetos delicados que nos permitem falar uma língua comum.

*Tic, tac, tic, tac, tic, tic.*

Se infinitos macacos se sentassem em frente a infinitas máquinas de escrever, após algum tempo, em algum lugar, acabariam, provavelmente, por criar verdadeiras obras-primas. Este é o Teorema do Macaco Infinito. Se existisse uma biblioteca com todas as combinações possíveis de 22 caracteres, uma vírgula, um espaço e um ponto final, estariam nela todos os livros escritos no passado, presente e futuro. Esta seria a biblioteca total. Se fossem criadas oficinas de relojoaria infinitas, seriam lá construídos, provavelmente, todos os relógios criados no passado, presente e futuro. Estas seriam as oficinas relojoeiras de Babel. Aí

nasceriam três tipos de relógios, os tipos que imagino, pelo menos. Os primeiros seriam os reveladores. São os que têm capacidade para indicar a hora da nossa morte, a hora do início da vida na Terra, a hora da criação do primeiro relógio ou a hora de maior felicidade da vida de alguém. Mostram-nos, simplesmente, a realidade. Explicam-nos o que existe, sem influência sobre os factos. São relógios honestos, como todas as boas máquinas. Controlam obsessivamente tudo o que conseguem, morrem de medo de tudo o que não controlam. Não são os mais criativos. Os seus relógios são, porém, os mais precisos. São supermáquinas cronométricas. Depois seguir-se-iam os misteriosos. Nome engraçado, pensar-se-ia. Pois estes têm a capacidade para alterar o tempo. Há, entre eles, os que o aceleram ou retardam, e os que o param ou iniciam. Não temem as consequências da alteração da seta do tempo. São engenheiros do tempo. Por último, ainda existem os inúteis que são mecanismos muito mais complicados do que se possa pensar, mas sem função prática alguma. Por exemplo, relógios com seis coroas que acertam todas o mesmo ponteiro, outros que permitem contar as batidas das asas de uma borboleta e depois convertê-las em letras e outras coisas desse género.

*Acaricia o relógio como se fosse um bebé.*

Este relógio que guardo é um dos mais importantes, disso não há dúvida. Mas não nos enganemos: estamos a ficar sem tempo, faltam 90 segundos para a meia-noite. E toda a gente sabe, o relógio vai acabar por parar.

*Jingle Hotel Chronos.*

## CENA 12 – NOITE DE QUIZZ

*Esperança, Relojoeiro e Dores estão num cenário de noite de quiz em freeze. A cena começa com o toque de um alarme.*

Dores: Bem-vindos à nossa noite de *quiz* Chronos! Vamos jogar, quem joga pode ganhar! Ganhar a sério hoje. Estamos a concorrer para o grande prémio esta noite!

Relojoeiro: E qual é o prémio?

Dores (*Atrapalhada*): O prémio é.... o prémio é... uma estadia no quarto 211. Um grande prémio em jogo esta noite!

Esperança: Esse nem tem banheira de hidromassagem.

Dores: Mas já é muito bom. Vá, vamos jogar!

*Música de suspense.*

Dores: Estão prontos? Vou explicar as regras muito rapidamente, é importante que estejam com atenção!

Esperança: Nós sabemos as regras. Estamos sempre a jogar a isto.

Dores: Mas tu sabes que eu gosto de as dizer... vá! (*Muda de tom*) À vossa frente têm botões, para responder às questões que vos colocarei têm de carregar o mais rápido. Têm de esperar que dê as quatro opções. O primeiro é quem responde. Mas! Se se enganarem perdem pontos!

E vamos agora à primeira pergunta:

*Música de suspense.*

O Hotel Chronos foi inaugurado em:

1. Janeiro de 1918
2. Março de 1898
3. Março de 1989
4. Nenhuma das respostas em cima.

*Esperança toca rapidamente. O toque é um alarme.*

Esperança: Esta é fácil. É a a) Janeiro de 1918!

Dores: Concorrente, quer bloquear essa opção?

Esperança: Sim.

Dores: Tem a certeza da sua resposta?

Dores: Sim.

*Música de suspense.*

Dores: E está certa! 10 pontos para Esperança! Estás a começar bem!

Vamos, assim, à próxima pergunta:

*Música de suspense.*

O primeiro relógio da Humanidade existiu por volta da data:

1. 1000 a.C
2. 400 a. C
3. 2000 a.C
4. 1350 d.C

*Relojoeiro e Esperança tentam tocar no botão ao mesmo tempo. Ruído.*

Dores: Então! Não conseguimos captar quem tocou primeiro, logo estão os dois desqualificados desta ronda.

Relojoeiro: Então?

Dores: É assim, nem vale reclamar. Próxima pergunta!

Esperança: Parem, parem de falar! Vocês não percebem o que se está a passar? Olhem, olhem, o relógio está a parar outra vez.

*Olham todos para o relógio.*

Relojoeiro: Parece-me tudo normal.

Esperança: Vocês não percebem o que significa isto parar, pois não? Ou não se importam simplesmente? Eu não devia ter de vos estar continuamente a relembrar. Ecossistemas inteiros em colapso, uma extinção em massa, reações em cadeia irreversíveis, fora do controlo humano. Não vai haver soluções. Meu Deus, eu preciso que vocês entrem em pânico, percebem que não temos tempo? Não temos tempo. Não temos tempo. Se o relógio parar, se o relógio parar.... vai tudo acontecer: vai ser só combustíveis fósseis até ao fim do mundo, o *lobby* do fóssil em Bruxelas, as emissões de carbono a disparar, os refugiados no mediterrâneo, os refugiados em todo o Mundo, as 800 mil pessoas desalojadas pelas cheias no Paquistão, 5 milhões de mortos por ano por temperaturas extremas, os incêndios na Grécia, os incêndios em Pedrógão, os incêndios em Cascais, os incêndios no Canadá, a demarcação das terras indígenas, as mortes, as doenças e o colapso dos sistemas de saúde, as guerras, a desestabilização do clima, a insegurança alimentar a nível global, a extinção dos ursos polares e dos lince ibéricos, o degelo das calotas glaciares, a acidificação dos mares,

seca brutal, inundações incontroláveis, agricultura intensiva, o fim dos tomates *cherry*, o desaparecimento das barreiras de corais em diferentes partes do oceano Índico e Pacífico, a exploração e escravatura nas estufas, o falhanço do Acordo de Paris, a inteligência artificial a tornar excedentários todos os trabalhos, os robots a lutar contra a humanidade, e as crianças. Pensem, pelo menos, nas crianças. É como se estivéssemos numa autoestrada para o Inferno e está uma criança à nossa frente e nós temos de sair e temos de a salvar. Se o relógio parar é como se puséssemos o pé no acelerador. Cada dia depois do relógio parar vai ser mais um dia sem paz. Temos de ver o cenário completo, temos de resolver esta crise! Não acredito que tenho de continuar a explicar-vos isto. Pânico, entrem em pânico, façam por favor, qualquer coisa. Temos de pôr o travão de emergência e impedir que isto aconteça.

*Tempo de respiração.*

Dores: Queres um chá?

Esperança: Pode ser.

*Senta-se. Som de alarmes.*

## Cena 13 – TELEVENDAS

*Estilo “Intervalo televisivo”. Esta cena é apresentada como se os apresentadores vendessem produtos a donas-de-casa dos anos 50, música dreamy de elevador. Grandes sorrisos artificiais. Idealmente aparece uma projeção do produto.*

VOZ OFF- Durante os próximos minutos vamos apresentar-lhe um novo produto que vai transformar como se sente num abrir e fechar de olhos. Estes resultados incríveis obtêm-se em apenas uns minutos. Apresentamos “Cinta Calmante” da marca CHRONOS.

*Dores coloca uma cinta e faz uma simulação do seu funcionamento em género “hospedeira de bordo”.*

Esperança: Medo do fim? Ansiedade climática? Pânico do fim de uma relação?

Relojoeiro: Cinta calmante é um produto que fortalece, tonifica e reafirma o seu estado de espírito calmo e tranquilo. As suas preocupações vão desaparecer num instante. O efeito é instantâneo, durante todo o dia ou toda a noite. Veja os incríveis resultados que, tanto mulheres, homens, ou pessoas que não se identificam em nenhuma destas categorias têm com cinta calmante.

Esperança: Nós não estamos sob o efeito de drogas. Estes resultados são mesmo reais. Cinta calmante tem efeitos em menos de 2 minutos.

Relojoeiro: É um lifting emocional na forma de cinta e funciona sempre. Garantido! Veja!

*Aponta para Dores ainda com a cinta.*

Dores: Uau! Não tenho palavras.

VOZ OFF: Não vai acreditar no que vai ver: olhe.

*Projeção de outro “Cliente satisfeito”:* é só o Relojoeiro com uns óculos de sol.

Relojoeiro (*Em “Cliente Satisfeito”*): Mas isto é incrível! Passaram apenas 2 minutos!

VOZ OFF: Encomende já e receba uma “Cinta Calmante” de graça! 600 200 200. Não esqueça: marque 600 200 200! Já, não perca! 600 200 200!

## ATO 2 –O dia em que tudo aconteceu

### **Cena 1 -O fim do mundo**

*Relojoeiro ajusta o relógio em palco para perto da meia noite.*

*Esta cena é coreográfica e deve durar de 5 a 10 minutos. Dores e Esperança arrumam um quarto com um lençol. Gestos inspirados em commedia del'arte e mimo, exagerado. O lençol pode ser um adereço que promove uma certa disputa pelo “modo de arrumar melhor”. No final estão montadas 3 estações de trabalho: a do Relojoeiro, a de Dores que passa a ferro e a de Esperança que dobra roupa. De repente, começa a ouvir-se o som de um relógio. Este som inicialmente ouve-se a um ritmo normal, mas à medida que o tempo vai passando começa a abrandar. Todos percebem que o relógio vai parar. A reação de cada um relaciona-se com o modo como cada personagem percebe o fim do mundo. O Relojoeiro continua a arranjar os seus relógios ao mesmo ritmo e com carinho. Dores tenta fazer uma mala e arrumar o máximo de coisas possíveis como se fosse partir. Esperança fica num grande estado de ansiedade e cai no chão. O relógio pára. Todos fecham os olhos. Ficam 30 segundos assim. Pouco a pouco, Dores abre um olho, lentamente.*

Dores: É possível? Não acabou. O quê?! Ainda não acabou! *(Celebra)* Por algum motivo, o mundo não acabou! Mas o relógio parou! O mundo não parou.

Relojoeiro: Ainda não é o princípio nem o fim do mundo. Calma. É apenas um pouco tarde.

Dores: O mundo não pode ter acabado se nós continuamos aqui vivos. Não pode!

*Esperança acorda, apercebendo-se que se tinha tratado de um desmaio. Ouve-se um toque de campainha. Ao toque os três congelam. No palco aparece uma mão de fora com uma planta. Diz em letras grandes “CUIDA DE MIM”. É colocada à frente dos três. Luz sobre esta cena. O relógio volta a tocar. Eles acordam. Relacionam-se com a planta como se sempre ali tivesse estado.*

Esperança: É a minha vez de regar?

Dores: É a minha?

Relojoeiro: É a tua.

*Suspiram os três em simultâneo.*

## CENA 14 – CORO FINAL

*Esta cena pode tentar fazer parte da metalinguagem da peça, sendo este texto projetado.  
Toca jingle Coro Chronos.*

Todos: Somos o coro Chronos.

Relojoeiro: Viemos nos despedir.

Dores: Dizer adeus,

Esperança: Até um dia.

Todos: Dedicamos esta passagem por este hotel a todos que:

Esperança: têm medo do fim de uma relação,

Dores: medo de perder um ente querido,

Relojoeiro: medo da morte,

Esperança: medo que chegue o fim do mês,

Dores: medo que acabe o fim do mês,

Relojoeiro: medo do fim do mundo,

Todos: medo que a lista de medos não tenha fim.

Se não se encontra nesta lista,

Não se preocupe:

Também é para si.

**FIM**